

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
***CAMPUS CHAPECÓ***  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**GABRIEL VAZ**

**TRAJETÓRIA MIGRANTE: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO  
VENEZUELANO EM CHAPECÓ (SC).**

**CHAPECÓ**  
**2022**

**GABRIEL VAZ**

**TRAJETÓRIA MIGRANTE: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO  
VENEZUELANO EM CHAPECÓ (SC).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Vicente da Silva  
Neves Ribeiro

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

**CHAPECÓ**

**2022**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Vaz, Gabriel

TRAJETÓRIA MIGRANTE:: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO  
MIGRATÓRIO VENEZUELANO EM CHAPECÓ (SC). / Gabriel Vaz.  
-- 2022.  
68 f.

Orientador: Doutor Vicente da Silva Neves Ribeiro  
Co-orientador: Doutor Ricardo Machado  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2022.

1. migração. 2. venezuela. 3. trajetória de vida. 4.  
memória. I. Ribeiro, Vicente da Silva Neves, orient. II.  
, Ricardo Machado, co-orient. III. Universidade Federal  
da Fronteira Sul. IV. Título.

**GABRIEL VAZ**

**TRAJETÓRIA MIGRANTE: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO  
VENEZUELANO EM CHAPECÓ (SC).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 06/10/2022

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Vicente da Silva Neves Ribeiro – UFFS  
Orientador

---

Ma. Taíse Staudt - UNILA  
Avaliador

---

Ma. Gabriela Martini dos Santos - Universidade de Linköping  
Avaliador

Dedico este trabalho a todos aqueles e  
aquelas que, por alguma razão, sentiram a  
necessidade  
de migrar.

## AGRADECIMENTOS

Os últimos acontecimentos do inverno deste ano me fizeram refletir acerca de muitas coisas, dentre elas, encontrava-se a forma que escreveria essa parte do texto. A produção deste trabalho, por conseguinte, se tornou inevitável que durante o processo de pesquisa, de leitura e escrita eu não recorresse às lembranças e experiências da minha própria vida. E com esta prática reflexiva vos digo:

Só se foi possível escrever, porque houveram pessoas que disponibilizaram um pouco do seu tempo para me orientar.

Só se foi possível pôr para fora os sentimentos, os surtos, e os sorrisos que resultaram deste árduo trajeto de pesquisa, porque houveram pessoas a qual gentilmente, cederam seus ombros para que eu despojasse minhas lamentações, reivindicações e que também estavam lá para celebrar os bons momentos comigo.

Só se foi possível estar aqui, no extremo Oeste do Estado de Santa Catarina, na Universidade Federal da Fronteira Sul, porque houveram pessoas que construíram ainda na popular Baixada Fluminense, estruturas possíveis para esta realização.

Só se foi possível escrever sobre as subjetividades do cotidiano, pois houve alguém que se dispôs a compartilhar um pouco da sua trajetória comigo.

A minha experiência só se tornou possível, pois alguém ousou cruzar as experiências de si com as minhas e é, a estas pessoas que ofereço meus sinceros agradecimentos...

Como religioso que sou, não poderia deixar de agradecer a Deus por todas as coisas que vivo. À minha Família: A minha mãe que em meio a todos seus ensinamentos, me mostrou que é possível chegar onde queremos chegar. Agradeço a senhora por embarcar em todas as minhas aventuras (que não foram poucas, tenho que ressaltar) por sempre acreditar em mim independente das condições e por muitas vezes, negar seus desejos, adiar seus sonhos para que os meus pudessem se realizar. Ao meu tio Elvis, que aos meus 14 anos, enquanto construimos sua varanda para suprir o ócio que suas férias causavam, me mostrou que embora todo trabalho fosse digno, “a caneta sempre iria pesar menos”. A todos aqueles e aquelas que constituem aquilo que se convencionou chamar de Família, não aquela marcada pelo sangue a qual estou fadado a carregar, mas aquela que a vida me deu a honra de escolher.

Aos meus orientadores: Ricardo Machado e Vicente Ribeiro por todo suporte teórico e metodológico necessário e as horas disponibilizadas para nossas conversas que, por muitas vezes, não se restringiu a mera conversa acerca de uma leitura ou outra. A Ricardo, agradeço por me estender a mão quando ousei pensar em desistir, por me ouvir quando precisava falar, por me mostrar que mesmo os caminhos sendo difíceis como são, desistir não poderia se tornar uma opção. Aprendemos nas disciplinas de educação que a docência vai muito além da sala de aula e com vocês pude compreender esta lógica na prática.

Aos amigos que fiz ao longo da graduação cito: Ariel, Gustavo, Gabe, Mayara, Lucas, Carla, Isis, Eduardo, Sant, Paulo e Ronaldo entre tantos outros que embora não apareçam aqui, amenizaram a saudade de casa, o suporte mútuo nos dolorosos feriados quando todos estavam com seus familiares lá estávamos nós, juntos. A Luana, que ouviu inúmeras vezes as nuances deste trabalho, acompanhou os surtos e me apoiou, pelas pizzas e as voltas de carro pela cidade para espalhar e aliviar os estresses, entre tantos momentos que estive ao meu lado.

A Taíse Staudt que mesmo sem me conhecer, aceitou prontamente compartilhar um pouco de sua trajetória acadêmica comigo em uma longa chamada de vídeo, trajetória esta que me ajudou a nortear e iniciar a minha própria.

Aos professores que me acompanharam de perto: Délcio e Renato, fossem nas cadeiras obrigatórias, nas atividades de extensão e até mesmo aos domingos, para ensaio de uma leitura dramática. E demais colegas que conheci na Universidades e que levo no coração.

Aos meus amigos de infância: Felipe, Narciso e Igor por me mostrarem que grandes amizades continuam a crescer mesmo a longa distância.

Ao Centro de Atendimento ao Imigrante, por ser um espaço onde pude mergulhar neste cenário migratório. Cito: Andressa, Eduarda e Luiz por me mostrarem em diferentes perspectivas de formação o fenômeno migratório.

Muito obrigado a todo apoio que me foi dado.

Chapecó, 09 de Setembro de 2022.

A história precisa de novas linguagens, de inventar novas palavras, de produzir novos conceitos, que sejam capazes de conceder a glória à gosma da lesma nos vitrais das catedrais; que sejam capazes de majestificar a planta brotada nas frinchas dos fortes; de dar grandeza aos homens que chafurdam nos lixos como porcos e urubus; dormem nas sarjetas como baratas; habitam os buracos dos viadutos com os ratos; espojam-se nos barracos das favelas como moscas; queimam sob o sol e se cortam na lâmina verde dos canaviais como lagartos; que se tornam lama nos garimpos e nos mangues; que se tornam bichos nas jaulas das prisões; que se tornam loucos nas salas dos hospícios; que se enchem de silicone, batom e fantasia para agüentar a barra de amar diferente; que adoecem de amar por não terem aprendido; de dar grandeza às crianças que enegrecem a vida nas carvoarias; que perdem as mãos nas máquinas de agave; que perdem a infância e a inocência nos quartos de pensão e nas boléias de caminhão; que se prostituem nas praças e nas ruas; que comem bala e cheiram pó para terem um pouco de ilusão, para viajarem pelo menos uma vez ao dia; que brincam com a vida por falta de brinquedo; que emburrecem diariamente nas carteiras das escolas públicas; de dar grandeza às mulheres violentadas por seus machos; estupradas por seus patrões; acoradas toda a vida na beira do rio, do pote e do fogão; que amam filhos que não sabem se voltam para casa todo dia; que carregam trouxas de pano e de homens. É para eles que Manoel fez seus poemas, e eu faço minha prosa histórica. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.95)

## RESUMO

O presente trabalho busca refletir acerca do processo migratório contemporâneo, a partir das experiências vivenciadas nos trajetos percorridos por Rodolfo Chaves Parra, imigrante venezuelano. A pesquisa foi desenvolvida em duas partes, sendo a primeira de caráter mais subjetivo buscando evidenciar as maneiras como pensamos e nos relacionamos com o mundo, a forma como tais subjetividades se expressam em nosso cotidiano, trazendo como pressupostos, as experiências migratórias de Rodolfo. Destacando-se pelo caráter industrial agroex da região, característica que se tornou objeto de estudos de distintas áreas científicas. O Oeste de SC começa a receber um alto fluxo migratório de nacionais venezuelanos em decorrência da crise humanitária vivenciada na Venezuela, fosse por meios próprios, ora por interiorizações realizadas através da operação acolhida. A inserção da comunidade migrante venezuelana na cidade, culminou no segundo momento desta pesquisa, a qual buscou-se refletir sobre os processos administrativos de regularização migratória, tendo como principal enfoque, o alto fluxo migratório na cidade de Chapecó, localizada a Oeste do estado de Santa Catarina. Buscando-se pensar não somente as problemáticas que se desencadeiam a partir da não regularização migratória, como também, o caráter dos documentos emitidos pelo governo brasileiro, sobretudo o protocolo de refúgio. Ademais, analisa as condições que se desencadeiam à medida que se propõe a pensar o movimento migratório em sua totalidade.

Palavras-chave: Migração; Venezuela; Trajetórias de Vida.

**ABSTRACT**

This paper seeks to reflect on the contemporary immigration process, based on the experiences of the paths taken by Rodolfo Chavez Parra, a Venezuelan immigrant. The research was developed in two parts, the first of which is more subjective, seeking to highlight the ways in which we reflect upon and handle to the world, and the way such subjectivities are expressed in our daily lives, bringing as assumptions, the migratory experiences of Rodolfo. Distinguished by the agro-exporting industrial character of the region, a characteristic that has become the object of studies from different scientific areas, it begins to receive a high migratory flow of Venezuelan nationals as a result of the humanitarian crisis experienced in Venezuela, whether by its own means, or by internalizations carried out through the operation of hospitality. The insertion of the Venezuelan migrant community in the city culminated in the second moment of this research, which sought to reflect on the administrative processes of migratory regularization, having as its main focus, the high flow of migrants in the city of Chapecó, located in the West of the state of Santa Catarina. It seeks to think not only about the problems that are triggered from the non regularization of migration, but also about the character of the documents issued by the Brazilian government, especially the refugee protocol. Moreover, it analyzes the conditions that are triggered as it proposes to think about the migratory movement in its entirety.

Keywords: Migration; Venezuela; Life paths.

## RESUMEN

Este artículo pretende reflexionar sobre el proceso migratorio contemporáneo, a partir de las experiencias de los caminos recorridos por Rodolfo Chavez Parra, inmigrante venezolano. La investigación se desarrolló en dos partes, siendo la primera de carácter más subjetivo, buscando resaltar las formas en que pensamos y nos relacionamos con el mundo, como se expresan dichas subjetividades en nuestra vida cotidiana, trayendo como supuestos, las experiencias migratorias de Rodolfo. Distinguida por el carácter industrial agroexportador de la región, característica que ha sido objeto de estudios desde diferentes áreas científicas, comienza a recibir un alto flujo migratorio de nacionales venezolanos como consecuencia de la crisis humanitaria vivida en Venezuela, ya sea por medios propios o por medio de la estrategia de “interiorização” realizadas a través de la Operação Acolhida. La inserción de la comunidad migrante venezolana en la ciudad, culminó en el segundo momento de esta investigación, que buscó reflexionar sobre los procesos administrativos de regularización migratoria, teniendo como foco principal, el alto flujo migratorio en la ciudad de Chapecó, ubicada al oeste del estado de Santa Catarina. Buscando pensar no sólo en los problemas que se desencadenan a partir de la no regularización de la migración, así como el carácter de los documentos emitidos por el gobierno brasileño, especialmente el protocolo de refugiados. Además, analiza las condiciones que se desencadenan ya que propone pensar el movimiento migratorio en su totalidad.

Palabras clave: Migración; Venezuela; Trayectorias de vida.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Localização das Cidades de Maracaibo e Encontrados, ambas no Estado de Zulia	
24 Mapa 2 – Rota de Rodolfo	
28	
Mapa 3 – Zoom da região Oeste da Venezuela	29
Mapa 4 – Zoom de Mapa do Brasil	29
Gráfico 1 – Emissões de documentos migratórios no Brasil 2018 à Junho de 2022	40

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CAI	Centro de Atendimento ao Imigrante
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CRNM	Carteira de Registro Nacional Migratório
DPF/XAP	Departamento de Polícia Federal, Divisão Chapecó
EUA	Estados Unidos da América
GRU	Guia de Recolhimento da União
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional de Migração
ONG	Organização Não Governamental
PAE	Posto de Atendimento ao Estrangeiro
PF	Polícia Federal
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SEASC	Secretaria de Assistência Social
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório
XIX	Século 19
XVIII	Século 18

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	x
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>20</b>
<b>3 RUDOLFO CHAVEZ PARRA</b> .....	<b>23</b>
3.1 DA FAMÍLIA E AS LEMBRANÇAS DE SEUS ANTEPASSADOS.....	23
3.2 EXÍLIO: O PERCURSO MIGRATÓRIO.....	26
3.3 DA COMPREENSÃO POLÍTICA.....	30
<b>4 O DITO E O NÃO DITO: AS MÚLTIPLAS FACE DE UMA HISTÓRIA ORAL</b> .....	<b>32</b>
4.1 A CONSTITUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE RODULFO.....	32
4.1.2 CONTAR HISTÓRIAS: NARRATIVAS E USOS DO PASSADO.....	36
4.2 DOS PROCESSOS ADMINISTRATIVOS: A MIGRAÇÃO VENEZUELANA.....	39
4.2.1 A REGULARIZAÇÃO MIGRATÓRIA: REFÚGIO E RESIDÊNCIA.....	41
4.2.2 OS IMPACTOS À POPULAÇÃO MIGRANTE.....	43
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>50</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS</b> .....	<b>53</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TCLE)</b> .....	<b>55</b>
<b>APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA</b> .....	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Migrar é algo que está mais próximo de nós do que imaginamos. Em um determinado momento da minha vida acreditei que este acontecimento era voltado apenas para migrações internacionais, mas em sua definição mais simples, me arrisco a dizer que migrar é, antes de tudo, o deslocamento de pessoas pelo espaço geográfico. E por assim ser, me dei conta que estive em constante contato com o movimento migratório ao longo da minha vida, fosse por amigos de infância oriundos de outras cidades, por colegas da graduação de outros estados e, não somente, pude me tornar um ator neste processo, quando decidi, em fevereiro de 2018 sair da região metropolitana do Rio de Janeiro para o Oeste de Santa Catarina com o único intuito de estudar História. E foi neste movimento de reflexão que compreendi que sim, eu também era/sou um migrante.

Seria ingenuidade de minha parte, resumir a migração mesmo que de forma mais simples, como um movimento de pessoas em um espaço geográfico sem levar em consideração os processos que implicam diretamente nesta tomada de decisão. “Sou imigrante a busca da sobrevivência, a busca de um recomeço” Diz o imigrante angolano Moisés António, após definir um cenário de guerra e a sensação de que seus dias estavam próximos do fim, em seu poema “O Viajante”. Quero com isso dizer, que os motivos que nos levam a migrar são diversos e incapazes de serem resumidos a uma palavra. Migramos por questões laborais, migramos por melhores condições de vida, por motivos de força maior, enfim, o movimento migratório é, em seu cerne, extremamente volátil.

Embora ainda não tenha comentado, estou imerso no movimento migratório como o agente que faz a ponte entre o imigrante e o serviço público, desenvolvo um trabalho de atendimento ao público no Centro de Atendimento ao Imigrante (CAI), Órgão institucionalizado pela Prefeitura Municipal de Chapecó (SC) financiado através de recurso federal pela portaria nº 641<sup>1</sup>. Localizado no primeiro piso da Rodoviária de Chapecó, o CAI concentra suas atividades em duas frentes, o Psicossocial, voltado a imigrantes em situações de vulnerabilidade, formado por uma equipe de três mulheres: uma psicóloga e duas assistentes sociais. Os atendimentos deste setor destacam-se em acompanhamentos sociais e psicossociais, familiares e escolares, encaminhamento para trabalho e acolhimento em casas de passagens, este último, necessário a avaliação técnicas das profissionais. A segunda, a

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/portaria-mc-no-641-de-9-de-julho-de-2021>

> Acesso em: 13 de Junho de 2022.

qual estou inserido, é a regularização documental destes imigrantes e é composto por uma equipe de 4 pessoas, sendo um intérprete por formação e outros três falantes de outras línguas de distintas formações. Para além, há também a equipe de recepção.

Sempre sou o segundo a chegar, dou dois toques na porta e espero minha colega que, poucos minutos atrás, acabou de entrar. Nos instantes seguintes tudo ocorre de forma automática: Guardo minhas coisas, esquento a água para o café, organizo minha mesa e faço o primeiro questionamento do dia: “Bom dia, como posso ajudar?” Esta é a pergunta inicial que me introduz a imensidade de trajetórias de vida, uma vez que é por ela que entendo a necessidade do imigrante. Este diálogo ocorre de forma que, por vezes, nem preciso me estender muito, basta uma certa proximidade de sua cultura seja através da língua ou até mesmo ao demonstrar um certo conhecimento geográfico de seu país.

As demandas aqui realizadas são as mais diversas, a começar pelo vasto leque de nacionalidades atendido e suas peculiaridades. Os haitianos tendem a estar mais estabilizados quanto a seus documentos, os argentinos normalmente são andarilhos e estão de passagem e, dessa forma, em sua maioria acabam por não ter documentos emitidos no Brasil e os venezuelanos, o foco desta pesquisa, por sua vez são os nacionais mais atendidos compondo grande parte do número mensal de atendimentos e a eles, destinam-se não somente os serviços de regularização migratória, como também os serviços de assistência social, uma vez que o CAI está vinculado a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEASC). Os atendimentos aos venezuelanos concentram-se em acolhimento, atendimento psicossocial, encaminhamento para trabalho e a regularização migratória.

E neste contexto, lembro-me bem de quando conheci Rodolfo. Era uma quarta-feira, eu estava a me despedir dos meus colegas quando, de repente, me deparo com uma certa dificuldade de compreender de qual cidade o usuário<sup>2</sup> veio. Por alguns instantes fiquei ali prestando atenção, até que resolvi intervir e disse: “Maracaibo, ele veio de Maracaibo, município do estado Zulia que faz fronteira com a Colômbia.” Há pouco, aponte que bastava uma mínima aproximação daquilo que compunha o conhecimentos dos imigrantes para se construir um diálogo e com Rodolfo não foi diferente, parei o que estava fazendo e me tornei ouvinte de sua fala. A quem possa imaginar que perdi uns minutos do meu horário de almoço, e isto de forma alguma deixaria de ser verdade mas eu, por outro lado, acredito que não poderia ter sido melhor.

Ainda me lembro bem quando fui questionado por um colega: “Mas Gabriel, porque a

---

<sup>2</sup> Dentro dos serviços prestados na assistência social do município de Chapecó, é considerado usuário todo aquele(a) que recebe o serviço prestado, neste caso, ser um usuário é ser um usuário de um determinado serviço.

Venezuela?” Ah! Não poderia deixar de registrar todas aquelas inúmeras histórias que, mesmo que tivessem suas singularidades carregavam consigo um ponto em comum: o exílio, a necessidade de migrar em busca de melhores condições de vida, uns por trabalho, outros para reacender sonhos, individuais ou coletivos que outrora foram sonhados juntos em um tempo que já não volta mais, sonhos e vidas que foram afetadas pela crise que se desdobra a partir de 2015. E assim pude entender que dentro dessas inúmeras histórias de vida que mencionei, um ponto final era, para muitos, um novo ponto de partida.

E para mim, aspirante a este ofício de historiador me resta a memória. A mesma memória que Maurice Halbwachs (1990) aponta como uma constante construção coletiva, aquela memória que Michael Pollak (1992) define em dois modos: acontecimentos vividos pessoalmente para retratar a memória individual e acontecimentos “vividos por tabela” para representar a memória coletiva. A memória de Dom Cobb, personagem de Christopher Nolan na trama *Inception*<sup>3</sup>, na qual o protagonista acessa sonhos e lembranças para conquistar seus objetivos. Enfim, a memória que eu compreendo como um íntimo sentimento que por agora, guiará os próximos caminhos desta pesquisa.

O presente trabalho buscou refletir sobre o recente fluxo migratório venezuelano no Brasil, em especial, na cidade de Chapecó, Oeste de Santa Catarina. A diáspora venezuelana é causada em decorrência da crise vivenciada no país sul-americano. Dentre as causas que cercam esta problemática, aponta-se o caráter de uma economia rentista, isto é, uma política econômica sem diversificação baseada, no caso da Venezuela, exclusivamente na renda do Petróleo, mais especificamente, do valor do barril de petróleo. A consequência dessa variação do preço, ora maior, ora menor, sobretudo em um país que importa muito do que consome, justamente por esta questão, impacta diretamente na vida de sua população. Em suma, em um cenário favorável, a moeda nacional tende-se a valorizar, e essa valorização impacta positivamente na vida da população, diante das políticas adotadas pelo governo. Por outro lado, um cenário onde ocorre a queda dos preços do petróleo, tem como consequência a alta da inflação, diante da não diversificação econômica e, dessa vez, impactando negativamente a vida da população. Se essas flutuações formam parte da história venezuelana, a profundidade da crise atual não tem precedentes, sendo a migração de venezuelanos uma de suas faces mais dramáticas (PODCAST PULSO LATINO, 2020).

Contudo, deslocar-se é uma prática longa presente na história da humanidade e, inicialmente, estudada pelos clássicos sociólogos do século XIX. A migração era analisada como um fenômeno do desenvolvimento social, do capitalismo e dos processos de

<sup>3</sup> A Origem, 2010.

industrialização. Nesse sentido, dentro de uma perspectiva Malthusiana, à medida em que ocorria um crescimento populacional e, conseqüentemente, o aumento da pobreza e a miséria, a migração era vista como alternativa para melhores condições de vida. Já para Marx, contrário a Malthus, acreditava que a condição de migração era por vezes inevitável e/ou voltada para a naturalização da pobreza, diante de uma condição de luta de classes, no qual, tinha-se como objetivo principal a maximização dos ganhos por parte dos detentores dos meios de produção. Weber e Durkheim, também olhavam para a questão da migração como consequência da industrialização. Portanto, para os clássicos sociólogos, a migração era vista como consequência do desenvolvimento do capitalismo, mediante a industrialização e urbanização, mas analisada como uma questão secundária (SASAKI, et al., 2016).

A migração como um problema começa a ser analisada no início do século XX, e é decorrente do vasto fluxo migratório para os países do Novo Mundo, sobretudo os EUA, diante da crise econômica que assolava a Europa no início do século. A Escola de Chicago, formada na década de 1910 pelo corpo docente do curso de sociologia da Universidade de Chicago, acreditava nos métodos de adaptação, aculturação e assimilação que resultaria em um processo de americanização dos imigrantes, mesmo que não abandonassem seus valores na totalidade. No entanto, a maior crítica vem na medida em que não leva em consideração as consequências dos processos de colonialismo e imperialismo, e essa teoria é posta em xeque quando os grupos de imigrantes se transformam em grupos étnicos, afirmando suas singularidades (p.3).

Ao longo dos estudos sobre esta temática, houve, para além das perspectivas dos clássicos sociólogos e da Escola de Chicago, outros pontos de vista. Contudo, o que nos interessa neste momento, é entender que até então:

As abordagens teóricas sobre a migração internacional demonstram a necessidade de se complexificar as análises que se restringem aos aspectos econômicos nos quais os migrantes parecem indivíduos que agem desconectados de relações sociais, apontando para a importância de se analisar as redes sociais no processo migratório. (SASAKI, et al., 2016, p.10)

Assim sendo, o crescente fluxo migratório venezuelano constitui redes sociais que podem ser formadas desde o ponto de partida, durante os percursos e até mesmo no local que se estabelecem.

Segundo o *Migration Data Portal*<sup>4</sup> estima-se que somente no ano de 2020, 280,6 milhões de pessoas deslocaram-se ao redor do mundo. Para Pellegrino (2014), as migrações

<sup>4</sup>Disponível em <[https://www.migrationdataportal.org/es/international-data?i=stock\\_abs\\_&t=2020](https://www.migrationdataportal.org/es/international-data?i=stock_abs_&t=2020)> Acesso em: 17/02/2022

internacionais estão relacionadas e se intensificam com o fenômeno da globalização e o desenvolvimento de forma geral. A exemplo disso, com a crise de 1929 o fluxo migratório tende a parar consideravelmente na década de 1930 e, a partir da década de 1960 com um mundo cada vez mais globalizado, “se consolida uma reversão dos fluxos migratórios: se tradicionalmente vinham da Europa, agora vão para a Europa” (p.7) [trad.nossa].<sup>5</sup> Portanto, os deslocamentos são práticas presentes e suscetíveis a todos indivíduos, independente da classe social, raça, gênero ou nacionalidade.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca também analisar as condições sociais presentes nestes trajetos migratórios, evidenciar as maneiras que influenciam na vida de quem se propõe, mesmo que de forma involuntária, a cruzar fronteiras, desde as causas da origem, trajeto e destino. Busca também analisar a forma de pensar, compreender e entender o mundo a partir de sua historicidade, sua consciência histórica.

---

<sup>5</sup> Se consolida una reversión de los flujos migratorios: si tradicionalmente venían de Europa, ahora se dirigen a Europa, a Norteamérica (Estados Unidos y Canadá) y a otros países desarrollados.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

No início da graduação em História, uma das primeiras coisas que se estuda é acerca da concepção de tempo, o tempo cronológico e o tempo histórico. Entendemos que o tempo não é linear, embora, em uma sala de aula do ensino básico possa passar a sensação de que os acontecimentos são sucessivos, ao avançar nos estudos históricos essa definição precisa ser bem clara, precisamos entender, por exemplo, que enquanto ocorre na Europa a Revolução Francesa, no Brasil temos a Inconfidência Mineira, situações que embora distintas e com suas peculiaridades, sejam culturais ou geográficas, ocorrem no mesmo espaço de tempo. Quero com isso dizer, que o tempo é uma construção histórica, vivenciada de diferentes maneiras e por distintos povos e culturas (MOTTA, 2012).

A partir do século XIX, a historiografia passou também a separar História e Memória, baseando-se no argumento de que uma começa quando termina a outra. A história busca a reflexão, o olhar crítico para o objetivo que se propõe analisar diferentemente da memória e, para além, a história busca evidenciar componentes que foram não só destacados pela memória como também os que foram ignorados por ela (p.25).

Se entendermos que a memória só se explica pelo presente, isso significa também afirmar que é deste presente que ela recebe incentivos para se consagrar enquanto conjuntos de lembranças de determinado grupo. São assim, os apelos do presente que explicam por que a memória retira do passado apenas alguns dos elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e coerente. (MOTTA, p.25. 2012)

Portanto, a memória cria uma conexão direta entre presente e passado, de modo que para a construção das lembranças os acontecimentos vividos no presente tornam-se o ponto de partida para sua elaboração, o que torna, por conseguinte, a memória positiva e positivista “reafirmando, muitas vezes, um passado de riquezas que antecipa um futuro pleno de potencialidades” (p.25).

A memória não tem uma ordem cronológica, mas sim a sua própria ordem construída no consciente coletivo ou até mesmo individual e esta, por sua vez, nada tem a ver com o tempo cronológico. Para Pollak (1992), ela pode se organizar a partir de diferentes elementos, como por exemplo as transferências e projeções. Um exemplo de transferência são lembranças e características sobre um determinado evento, lugar ou personagem que fora vivido por outrem seja no coletivo ou individual e colocados como representação do real para outro evento, uma característica bastante comum a datas e eventos públicos, como guerras e datas comemorativas. No entanto, não se deve olhar para estes relatos como inverdades

(p.204). Cabe a historiografia relacionar e questionar a real ligação destes relatos com a realidade, entender as maneiras e os sujeitos ligados a esse processo, a “historiografia exige o exercitar da imaginação, da capacidade de estabelecer conexões entre os estilhaços do passado, de preencher as lacunas entre os eventos, necessita do exercício da capacidade de ficcionalizar, de intuir articulações daquilo que só nos chega em pedaços” (ALBUQUERQUE Jr, 2019).

Com o intuito de analisar as lembranças de Rodolfo Chavez Parra, imigrante venezuelano, como também as dificuldades enfrentadas durante seu percurso migratório. Para isso, foi realizada uma entrevista que posteriormente foi transcrita e arquivada.

Sabido que a memória não segue uma ordem cronológica, mas sim sua própria ordem, ela “também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, p. 204).” Diante disso, tomei o cuidado de seguir o roteiro pré-estruturado, de modo em que minhas percepções sobre um determinado evento ou uma pergunta e outra não interferisse na estruturação daquela lembrança, mesmo que eventualmente, este cuidado se esvaísse entre um determinado questionamento ou outro. No entanto, mesmo fazendo perguntas amplas, abertas, com o intuito deixá-lo livre para que pudesse expressar aquilo que lhe cativava no momento, pude perceber que inúmeras vezes durante a entrevista, Ruffo (como gosta de ser chamado) retornava ou direcionava a resposta a sua família, principalmente seus pais, a qual irei discorrer mais adiante.

Embora ainda não tenha mencionado, a entrevista ocorreu em uma cafeteria, localizada no centro da cidade de Chapecó (SC), contudo, para nossa surpresa, havia naquele exato momento um lançamento de livro que, conseqüentemente, tornou o lugar um pouco mais movimentado do que o habitual. Durante o processo de transcrição da entrevista, pude compreender que o local que a priori se mostrava ideal para entrevista, era na verdade, não tão adequado assim.

Desse modo, senti a necessidade de realizar uma outra entrevista, não apenas por entender que aquele contexto não era o mais apropriado para adentrar em determinadas questões, como também compreendi, através do processo de transcrição que necessitava galgar novos caminhos para que fosse possível preencher algumas lacunas que foram abertas durante a primeira entrevista. Contudo, Rodolfo decidiu encerrar sua contribuição para a pesquisa, sob a justificativa de que retornar a determinados assuntos pessoais lhe entristecia e causava desconforto, não me restou outra alternativa que não fosse aceitá-lo e dar por encerrada sua contribuição.

Para além de mim e do entrevistado, a entrevista contou com a presença da Mayara, minha amiga, formada em letras-espanhol que me ajudou como intérprete, com o intuito de possibilitar o entrevistado de se expressar em sua língua materna, pois desta forma, tornaria mais fácil a elocução de Rodolfo pois a medida em que tenta se comunicar em uma língua estrangeira, no caso o português, da qual não se tem muito conhecimento, o faria se preocupar com o vocabulário e não com a transmissão da mensagem, como também corrobora de forma significativa para a pesquisa, uma vez que o permitia expressar-se com mais assertividade.

### 3 RUDOLFO CHAVEZ PARRA

*Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.*

*Antônio Machado.*

Rodolfo nasceu na década de 60, no interior do estado de Zulia, na Venezuela. Foi criado no povoado de Encontrados, uma cidade bem pequena com um clima muito quente que, para Rodolfo, se assemelhava a uma Vila, por ser tão pequena. No mapa, mais se aproxima da Colômbia do que da capital Caracas. Embora neste período a Venezuela já havia se tornado um dos maiores produtores de petróleo no hemisfério ocidental, era a criação de gado que dominava a economia daquela pacata cidade no interior da Venezuela. Cresceu e estudou na única escola que havia na cidade, era uma escola pública. Segundo Rodolfo, naquela época não havia muitas instituições particulares na Venezuela, já que o país vivia um próspero momento econômico. Portanto, conforme Rodolfo, embora Encontrados fosse uma cidade pequena, com apenas quatro ruas, tinha uma educação de primeira.

Após se formar no ensino básico, mudou-se para a cidade de Maracaibo, capital do estado de Zulia. Foi em Maracaibo que se consolidou, estudou inglês, italiano e se formou em Design de Modas na Escola Superior de Artes Plásticas do Estado de Zulia. Rodolfo não foi o primeiro de seus irmãos a concluir o ensino superior, um de seus irmãos era professor, mas assim como os demais estava no exército.



*autodenomino cristão*”, um seguidor de cristo.

Ainda na adolescência, Rodolfo dedica seus interesses à Arte, enquanto nos direcionamos ao local da entrevista, passamos pela Escola de Artes da cidade de Chapecó, lugar a qual ele menciona ser um dos primeiros lugares da cidade que visitou. A paixão pela arte sempre foi o fio condutor de sua vida e, ao falar sobre seus sonhos, entona com grande esmero as passarelas de moda e não à toa, saiu de Encontrados e foi à Maracaibo para estudar Designer de Modas. Sonho este que viria a se realizar na própria cidade de Maracaibo. Após a conclusão de seus estudos, Rodolfo recebe uma proposta de emprego para trabalhar em uma loja de alta costura de duas mulheres imigrantes na Venezuela, uma senhora chilena e outra peruana. É por elas e através delas que Ruffo se aproxima das passarelas de moda. Durante este período de trabalho, houveram inúmeros desfiles de moda dos quais Ruffo pode acompanhar. Embora sua formação seja em Designer de Moda, sua arte não se restringe apenas a desenhos de roupas, a confecção e pinturas de quadros também ganha vida nas mãos de Rodolfo.

Atualmente, com 58 anos, Rodolfo não se casou ou teve relacionamentos, dedicou toda a sua vida à arte, é o único filho vivo dentre seus irmãos e, neste instante, já é possível imaginar que seus Pais também não se encontram neste plano. Contudo, a Ruffo lhe restou as lembranças, lembranças essas que o próprio entona com muito carinho. Sobre seu pai, o define como uma pessoa *“muito humana, era uma pessoa muito, muito humilde, de coração simples. Falava muito bem, era bem comportado, um barão, um cavalheiro”*. Uma pessoa estudada, característica que lhe diferenciava das pessoas de sua idade, uma vez que, naquele tempo, poucas eram as pessoas de sua idade que possuíam algum nível de instrução. De sua mãe, recorda-se do carinho e do cuidado que tinha com toda a família, nas palavras de Rodolfo, *“era uma grande dama. Sempre em casa, sempre cuidando de nós, sempre conosco, sempre. Sempre a vi dentro de casa, nunca vi a minha mãe fora.”*

Quando durante a entrevista, questioneei sobre suas lembranças, Ruffo rapidamente me cortou e trouxe à tona seus pais: *“me lembro com bastante felicidade porque comigo foram super compreensíveis, super.. como posso dizer.. eram pacientes.”* Embora abordarei mais adiante, ao sair da Venezuela, Rodolfo não traz consigo muitas coisas materiais, apenas uma foto de seu pai Adán de Jesus Chavez e sua mãe Aura Sarmenia Parra. As lembranças se estendem também aos seus irmãos Adan, Alzira, Ericsson e José Tomás.

### 3.2 EXÍLIO: O PERCURSO MIGRATÓRIO

A oportunidade de vir ao Brasil surge com um convite para acompanhar uma amiga até sua filha que está no Chile. Em entrevista gravada, Ruffo menciona a situação a qual se encontrava antes deste convite. Desempregado, não possuía mais familiares, sem roupas e sapatos, Rodolfo já não tinha mais nada e estava nesta situação há três anos, tinha uma má alimentação e, o pouco que comia era proveniente de um restaurante, no qual uma senhora lhe dava comida. Diante dos fatos, Rodolfo prontamente aceita e é durante uma madrugada fria, enquanto os amantes ofegantes vão para o mundo de Morfeu, para que nenhum venezuelano pudesse ver, Ruffo deixa a Venezuela em direção a Barranquilla, Colômbia. Susanita, filha de sua amiga, aproveita uma promoção de passagens com destino ao Aeroporto Internacional de Guarulhos, São Paulo - Brasil, pois o custo benefício deste trajeto (um pouco longo, diga-se de passagem) era mais efetivo. Rodolfo chega em São Paulo com o passaporte vencido, questionado pelo seu documento, explica que na Venezuela eles não podem renovar o passaporte, pois são extorquidos e ressalta, que diante das condições da Venezuela, não enfrenta problemas no Aeroporto.

Já em solo brasileiro, Rodolfo se desloca até a casa de Lídia, amiga que conheceu na Venezuela há 15 anos atrás. Lídia reside em Novo Hamburgo (RS) e abriga Rodolfo e sua amiga por 4 meses em sua casa e, ao falar do tempo que passa com Lídia, relembra o cuidado e o carinho que a amiga dispõe durante este período, característica que Ruffo assemelha a seus pais. É na cidade gaúcha que Rodolfo e sua amiga dão entrada nos documentos emitidos pelo Brasil, contudo, apenas conseguem emitir o CPF. A mãe de Susanita, amiga a qual Rodolfo acompanharia até sua filha que está no Chile, pouco se importa pois, afinal, o destino era o Chile e não o Brasil, a casa de Lídia seria apenas uma parada deste longo percurso.

Neste mesmo período, embora ainda não tivesse assumido o cargo, Gabriel Boric já havia vencido as eleições presidenciais do Chile e, na visão de Rodolfo, a República do Chile caminhava a passos largos para se tornar a próxima Venezuela. Satisfeito com o atual momento e receoso com o futuro do país vizinho, Ruffo se nega a deixar o Brasil mas se propõe a acompanhá-la até onde a filha pudesse buscá-la.

Já na fronteira, sua amiga tenta convencê-lo a prosseguir, sob o argumento de já ter chegado aonde chegaram, persistente em suas convicções, Rodolfo nega-se a deixar o Brasil. Embora o destino final fosse Chile, a fronteira mencionada em entrevista gravada é com o

Peru<sup>6</sup>. O trajeto percorrido é feito com um senhor (a qual não se tem informações) que os levam até lá. Após Ruffo negar-se a deixar o Brasil, longe da casa de Lídia e sem ter para onde ir, o mesmo senhor que os levou até a fronteira oferece a Rodolfo um tempo de estada na casa de sua sogra e assim foi feito.

Questionei Rodolfo se sua amiga tinha conseguido chegar ao Chile, a resposta que me retorna é de que ela, assim como ele, não tinha deixado o Brasil.

[...] Posso andar contigo, caminhar pela vida contigo, mas a sua decisão é sua e eu tenho de respeitar, devo pensar por mim mesmo e com sabedoria. Aconselhei-a a ir em frente. Na verdade, ela vai ter uma cirurgia de uma hérnia inguinal e aqui saiu muito rápido esse processo pra ela, para fazer a cirurgia, saiu muito rápido. E te digo, saiu muito rápido isso aqui, que nem mesmo na Venezuela se tivesse tentado tratar isso, não teria sido capaz, porque o custo disso é inalcançável, inalcançável. (CHAVEZ PARRA. Rodolfo, 2022).

Dessa forma, Rodolfo e sua amiga aceitaram o convite deste senhor que os levam para casa de sua sogra, uma senhora a qual Rodolfo descreve ser uma pessoa de coração muito bom e humilde e por lá ficam cerca de duas semanas, não mais que isso, até alugarem sua primeira casa. Embora ainda não tenha mencionado, a senhora em questão reside no Oeste de Santa Catarina, mais precisamente, na cidade de Chapecó. E é após todo esse longo percurso que Rodolfo chega em Chapecó, cidade esta que aos poucos ia se consolidando em sua vida, colocando um ponto final a determinadas condições que foram abertas em um tempo que já não volta mais e dando início a um novo ponto de partida.

---

<sup>6</sup> Após a chegada de Rodolfo em Novo Hamburgo, o entrevistado comenta ir até a fronteira com o Peru e após negar-se a entrar no País, é trazido para Chapecó, sem entrar em muitos detalhes pelas cidades que passou. Portanto, o roteiro apresentado a partir de sua saída de Novo Hamburgo torna-se uma possível rota, com o objetivo de situar o leitor e não um retrato fiel do que Rodolfo expressa em entrevista gravada. Ademais, é sabido que inicialmente, o destino de Ruffo era o Chile e, desse modo, não se sabe se Peru era realmente uma rota até o Chile ou se Rodolfo apenas se confundiu em sua fala. Entretanto, prevalece aquilo que o mesmo ressalta em entrevista.

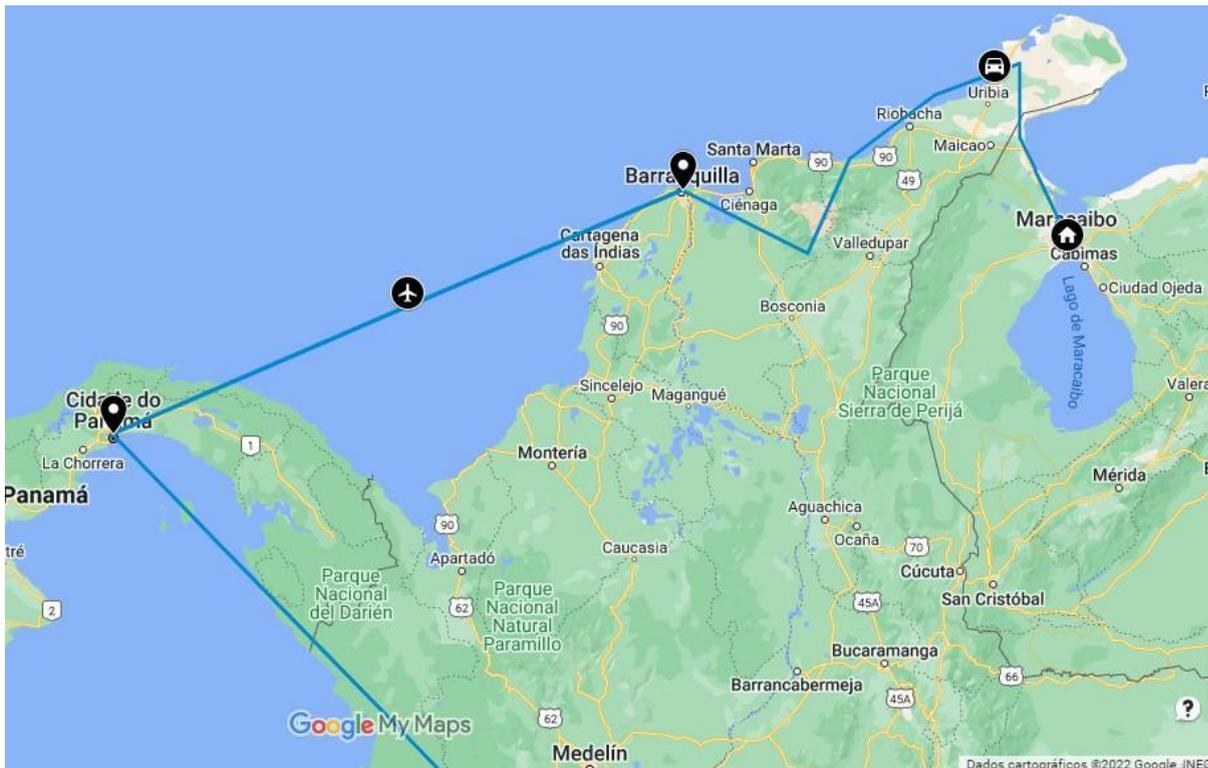
## Rota de Rodulfo

### TRAJETO

-  Maracaibo
-  Barranquilla
-  Escala em Panamá
- 
- GRU - Aeroporto de São Paulo
-  Maracaibo - Barranquilla
-  Barranquilla - Panamá
-  Panamá - SP
-  Trajeto feito de avião
-  Trajeto feito de avião
-  Trajeto feito por terra
-  Trajeto feito de avião
- 
- Casa de Lídia - Novo Hamburgo/RS
-  GRU - Novo Hamburgo
- 
- Novo Hamburgo - Fronteira com o Peru
-  Fronteira - Peru
-  Trajeto feito por terra
- 
- Fronteira com o Peru - Chapecó
-  Trajeto feito por terra
-  Chapecó



Mapa 2: Mapa da América do Sul, rota de Rodulfo até Chapecó. Fonte: Edição realizada no Google Maps.



Mapa 3: Zoom da região de fronteira entre Venezuela e Colômbia e Colômbia e Panamá, com o intuito de facilitar a visualização da saída de Rodulfo de Maracaibo, Venezuela à Panamá. Fonte: Edição realizada no Google Maps.



Mapa 4: Zoom do mapa do Brasil, com o intuito de facilitar a visualização da saída de Rodulfo do Aeroporto de Guarulhos à casa de Lídia, Novo Hamburgo, Fronteira com o Peru e sua chegada em Chapecó (SC). Fonte: Edição realizada no Google Maps.

### 3.3 DA COMPREENSÃO POLÍTICA

A situação política da Venezuela afeta em todos os aspectos da vida e, com Rodolfo, não é diferente. Em entrevista gravada, menciona sua insatisfação com a situação que o país sul-americano vive neste momento, salienta que, embora fosse uma pessoa caseira era de seu costume fazer videochamadas com amigos que possui em outros países e, sentia que nesta videochamadas eram perseguido, em suas palavras: *“Quando a gente começa a falar do Governo a chamada cai e depois começamos a receber ligações de números estranhos”*. Quando questionado sobre as maneiras em que esta transição afeta sua vida, Rodolfo enfatiza...

Naturalmente, quando há mudanças políticas que afetam a economia, não apenas a minha, mas a economia de toda a população também te afeta, ou seja, não se pode dizer mentiras, não se pode dizer: “não, isso não me afeta, estou feliz, calmo e muito feliz”. Eu estou muito feliz aqui em Chapecó, me sinto muito bem... com gente mais civilizada, com pessoas que realmente me acolheram, que logo me deram emprego, atenção.. Na Venezuela isso era afetado pela situação, a situação política afetava em todos os aspectos da vida. Então temos que sair. Você não tem como continuar ali, porque você se sente como se estivesse queimando o que pensam as pessoas, podem ir aos EUA, ao Brasil ou a qualquer outro país o que passa? O que as pessoas pensam: pode ter uns meses, um ano, dois anos de dificuldades. Mas isso não importa, porque as dificuldades se superam, mas a Venezuela tem vivido uma situação política de 60 anos ou mais, mas enquanto você está vivo e tem um espírito jovem, você é jovem. Então você tem que seguir aprendendo, seguir se doando. (CHAVEZ PARRA, 2022)

Desacreditado com a própria nação, Rodolfo não pretende retornar ao país de origem. Agradece a Deus todos os dias pela oportunidade de estar no Brasil, atualmente, trabalha em uma Loja de Roupa para noivas, menciona que embora tenha uma longa experiência com o este mercado aprende todos os dias com suas colegas de trabalho, novas técnicas, novos modos de se trabalhar que são diferentes dos métodos aplicados na Venezuela. É desta maneira que pretende continuar, seguir trabalhando e sonhando com a Arte.

Relembra que em um determinado momento o país esteve em vias de se tornar uma potência e, a atual crise e as condições enfrentadas nos dias atuais o entristece. Para ele, o cerne desta problemática está na demasiada crença aos Governantes e, conseqüentemente, na falta de crença em Deus. Em suas palavras: *“É a mentalidade. Uma cidade é uma cidade, por que? Seu povo. Se esse povo não possui sabedoria o suficiente, essa cidade se torna um caos.”*

Pelo seu modo de pensar, não possui contato com a comunidade venezuelana no Brasil sob a explicação de que os comportamentos são diferentes dos seus, outras formas de viver,

outras formas de falar das quais Rodolfo opta por não se aproximar. Em suas palavras “*Eu prefiro andar sozinho, prefiro andar só, tenho conseguido seguir em frente, sozinho tenho meu trabalho, sozinho entrego meus currículos, entreguei cerca de onze currículos.*”

#### 4 O DITO E O NÃO DITO: AS MÚLTIPLAS FACE DE UMA HISTÓRIA ORAL

*É um novo tempo,  
momento Pro novo a  
sabor do vento  
Me movo pelo solo onde  
reinamos Ponto pontos finais na  
dor como  
Doril, Anador somos a luz do  
Senhor E pode cré, tamo  
construindo Suponho não,  
creio, meto a mão  
Em meio a escuridão pronto  
acertamos Nosso sorriso sereno hoje  
é o veneno Pra quem trouxe tanto  
ódio pra  
Onde  
deitamos Quem costuma vir de  
onde eu sou Às vezes não tem  
motivos pra seguir  
Então levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e  
anda Mas eu sei que vai, que o sonho  
te traz Coisas que te faz prosseguir  
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda.  
- Emicida*

##### 4.1 A CONSTITUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE RODULFO

Ainda no início deste texto comentei acerca da concepção do tempo histórico, busquei exemplificar (de uma forma bem simples) a constituição histórica deste fenômeno em sua dimensão coletiva. Embora o espaço temporal fosse o mesmo, os acontecimentos vivenciados na Europa do século XVIII impactaram de forma direta a memória social não apenas de quem vivenciou, como também daqueles que viriam posteriormente a nascer. De mesmo modo, o Brasil deste mesmo período deixou marcas no coletivo social perceptíveis até hoje.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Para trazer um exemplo, gostaria de colocar uma parte da publicação do jornal eletrônico Brasil de Fato, que nesta reportagem, fala acerca dos 132 anos de abolição. Com apenas dois artigos, a Lei Áurea (lei nº 3.353) aboliu, em 13 de maio de 1888, a escravidão no Brasil, pondo fim a mais de três séculos de trabalho forçado. Cabe salientar que o país foi o último das Américas a fazê-lo. A ideia de liberdade em suas mais distintas formas logo se mostraria utópica. A ausência de medidas eficazes de reparação faz com que essa parcela da população — 56,10% dos brasileiros se declaram negros — ainda continue social e economicamente atrás de outros grupos. Disponível em



&lt;

<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/13/apos-132-anos-da-abolicao-brasil-ainda-nao-fez-a-devida-reparacao-da-escravidao> > Acesso em <04/09/2022>

No entanto, em uma dimensão coletiva, compreendemos que o tempo é uma construção histórica, na qual as transformações da sociedade em decorrência do seu “passar” marcam o coletivo social. Ao afunilar nossos olhares para esta temática, chegaríamos à concepção da consciência histórica, dos usos do passado e as maneiras que um determinado indivíduo se relaciona com as transformações que, inevitavelmente, são causadas pelo passar do tempo.

Luis Fernando Cerri (2007) compreende que a consciência histórica se constitui a partir das nossas relações, das nossas experiências, em outras palavras, todos os povos e culturas produzem história que são compreendidas como elementos fundamentais para a construção da consciência histórica que, embora possuam suas particularidades, são formas de entender a história que como já mencionei anteriormente, são inevitavelmente afetadas pelo tempo. A exemplo disto, Rodolfo ao se relacionar com o mundo trazendo consigo a narrativa cristã diversas vezes em sua fala, quando questionei em entrevista gravada, se era uma pessoa ativa politicamente, Ruffo ressalta que não e acrescenta sua insatisfação com a idolatria a Governantes:

Não. A política na Venezuela e na América Latina está, para não ser pessimista, acredito que está passando por uma transição.. uma transição e espero que seja, se realmente estiver, espero que seja favorável. Porque, o que acontece é que... A população.. A população.. Como posso dizer? Uma falta a verdadeira crença de que Deus é o Deus o criador. Nós, todos os habitantes destes países, estamos como os israelitas, que diziam: O que precisamos ter? Sabemos que existe um Deus, mas necessitamos de um Rei. É isso que precisamos deixar, sair dessa situação e compreender de uma vez por todas que não podemos endeusar os governantes, ou seja, porque eles são servidores nossos. Temos o direito de nos unirmos e tirá-los caso não sejam bons para nós. É um dos trabalhos mais importantes, difícil, muito difícil, mas também, todos os que se comprometem com isso, precisam fazer da melhor maneira possível. (CHAVEZ PARRA, 2022)

Entretanto, para que fosse possível chegar a conclusão de sua opinião, Rodolfo baseia sua fala em uma passagem bíblica sobre Samuel que, já com sua idade avançada, com seus filhos seguindo outros caminhos que não o seu é questionado pelos anciãos de Israel acerca de um Rei que os julgassem assim como havia em outras nações. Este pensamento, ou seja, esta forma de olhar e se relacionar com o mundo são, Para Jörn Rüsen (2001) fenômenos que constituem a consciência histórica pois “os processos mentais, genéricos e elementares da interpretação do mundo e de si mesmos pelos homens, nos quais se constitui o que se pode chamar de consciência histórica (p.55)”. Ou seja, Rodolfo assim como todo indivíduo, pensa historicamente buscando formas de lidar com o mundo, uma vez que todo sujeito histórico está, inevitavelmente, sujeito às mudanças que o tempo acarreta seja no coletivo ou no individual. Nesse sentido, a consciência histórica pode ser compreendida como uma condição

da existência da humanidade, isto é, diretamente ligada às práticas do cotidiano que, inevitavelmente, organizam a vida prática no tempo (p.57).

Para lidar com os acontecimentos do mundo, é preciso pensar o que o mundo pode se tornar a ser e essa projeção é baseada nas condições que levaram ao que mundo é hoje (p.58). Trazendo essa concepção para a fala de Rodolfo, é possível evidenciar quando ele toma a decisão de não deixar o Brasil:

Mas, quando chegamos eu disse a minha amiga: você vai para o Chile? Porque eu vou ficar no Brasil, eu. Porque eu analisei uma situação no Chile que está parecendo uma situação quando começou na Venezuela. Então eu pensei, não vou sair da Venezuela para um outro País que vai entrar no mesmo processo, entende? Então é por isso que estamos aqui e ficamos aqui, para ser sincero, eu só saio daqui se for para ir para Portugal, Espanha.. Mas aqui eu me sinto bem, eu me sinto tranquilo. (CHAVEZ PARRA, 2022).

Embora neste trecho da entrevista, Rodolfo está falando daquilo que, supostamente, pode vir a acontecer. O que ocorre, na verdade, é que ele está pensando historicamente, utilizando-se daquilo que a historiografia caracterizou como usos do passado, pois, para que fosse possível tomar decisões do presente, precisou pensar além, ou seja, no futuro, baseando no passado, em como o mundo tem sido até aquele momento. Neste sentido, este pensar historicamente pode ser compreendido como o ser humano buscando lidar com as transformações do mundo, com as transformações históricas para chegar ao seu objetivo, sua intenção (p.58). Esta concepção Rüsen chamou de superávit de intencionalidade. Portanto, a partir de suas experiências vivenciadas na Venezuela que, dentro de suas perspectivas, em algum momento se assemelha com o momento da República do Chile, Rodolfo analisa e projeta aquilo que pode vir a acontecer, para que assim possa tomar as decisões do presente que, naquele momento, se expressa em não deixar o Brasil.

Para Agnes Heller (1993), a existência da consciência histórica existe em decorrência de sermos seres sociais, e por assim ser, o ser humano está a todo momento em contato com outras experiências, ou seja, baseando-se em outras experiências, como ressaltai anteriormente com Rodolfo acerca de sua perspectiva sobre o futuro do Chile.

Para Heller, a existência do outro, não em seu caráter físico mas que existe em nosso consciente, que não está mais presente em matéria diante da morte ou outras condições da vida, mas que ainda está viva nas lembranças é o que forja a consciência histórica, uma consequência das experiências humanas cotidianas. “A existência de um único homem implica a historicidade de todo o gênero humano” (p.15). É possível perceber que durante a entrevista, Rodolfo retoma e direciona inúmeras vezes a fala à seus Pais, mesmo quando o assunto em pauta não seja voltado a eles, quando conversamos sobre Lídia, amiga a qual

Rodulfo encontrou e se hospedou em seus primeiros dias no Brasil, ele ressaltou...

[...] E lá foram nos buscar, Lidia, uma amiga. E ficamos em sua casa por quatro meses, ela nos ajudou de uma forma excelente, excelente. Ela nos dava Café, lanche, almoço, lanche, café, jantar e durante esse tempo que estive com ela me lembrei muito dos meus pais. Então eu disse, Bem, não foi em vão o que meus pais fizeram com os laços, o povo. (CHAVEZ PARRA, 2022).

A história possui o poder de manter vivo até mesmo aqueles que já não se encontram mais neste plano, na memória daqueles que os cativam. Rodulfo não trouxe consigo muitas coisas materiais que não fosse para além de suas vestimentas, mas dentre as poucas coisas, destaca-se uma foto de Aura Sarmenia e Adán Jesus, seus pais. Nas palavras de Ruffo “*depois de Deus, eles.*” Embora o patrimônio material não tenha sido posto em suas malas em grande número, o mesmo não se pode dizer sobre o patrimônio imaterial, patrimônio este que está descrito e extremamente vivo em suas lembranças. Não somente, mas adianta na entrevista, Ruffo define a si mesmo como uma pessoa caseira “*sempre fui uma pessoa muita calma e paciente, uma pessoa caseira sempre em casa e no meu trabalho*” costume este que Rodulfo herda de sua mãe. Enquanto conversamos sobre seus pais, teceu inúmeros comentários acerca de seu pai e, ao falar de sua mãe, destaca ao final de sua fala “*sempre a vi dentro de casa, nunca vi a minha mãe fora.*” É neste sentido que Heller define que o plural é anterior ao singular.

O fato de que não éramos e de que não seremos significa que, quando não estávamos, outros estavam e que, quando já não estivermos, outros estarão; além disto, que, quando já não estivermos aqui, outros aqui estarão. Podemos imaginar que não existíssemos e que não estivemos aqui nos tempos de César ou de Napoleão, contudo, é inimaginável que não existíssemos e aqui não estivéssemos, quando ninguém existia. É inimaginável que não seremos e não estaremos aqui, quando outros serão e estarão, mas é inimaginável que não sejamos, quando ninguém estiver. Não está aqui só tem significado quando outros estiverem, estar em lugar nenhum só tem sentido se houver um lugar, do mesmo modo que o não ser, só é inteligível porque existe o ser. “Naquele tempo havia um homem” significa que existe alguém que narra a saga dele e que haverá alguém que a contará depois. (HELLER, Agnes. p.15, 1993)

Portanto, para Agnes Heller a nossa consciência histórica só tem sentido porque somos seres sociais, sabemos que somos seres históricos à medida em que percebemos as experiências dos outros, as suas respectivas historicidades. Os costumes supostamente herdados por Rodulfo, só seriam possíveis herdar se existisse alguém de quem herdar. Peço licença ao leitor para retomar a percepção de Rodulfo sobre o Chile: Rodulfo precisou pensar nas experiências dos Chile, baseado nas experiências da Venezuela para projetar aquilo que o Chile poderia vir a se tornar a ser, para então tomar suas decisões do presente. Portanto, só se

foi possível pensar nas experiências dos outros, porque existiram os outros.

#### 4.1.2 CONTAR HISTÓRIAS: NARRATIVAS E USOS DO PASSADO

*O passado, seja remoto ou recente, próprio ou de outrem é, acima de tudo, um relato, um conto. História é uma história.*

- Agnes Heller

Construímos narrativa a todo momento, “todos repetem e induzem os outros a repetir as histórias importantes para suas vidas, não importando se aconteceram com “outros” ou conosco” (HELLER, p.72. 1993). Se voltarmos nossos olhos para uma dimensão coletiva chegaríamos à construção de narrativas que se organizam para lidar com as transformações do tempo, pois o tempo se coloca como uma ameaça, mediante as transformações causadas pelo seu passar, ou seja, o ser humano constrói narrativas para entender o mundo e suas transformações e assim poderem lidar com elas. Portanto, a constituição da consciência histórica passa, antes de tudo, pela narrativa que, por sua vez, encontra-se fundamentada no tempo presente, naquilo que nos é importante no “agora” (p.72). Heller define essa importância da seguinte forma:

Aquilo que é “importante” está fundamentado sobre o “agora” e sobre a conjuntividade. Se o narrador ou o ouvinte estiver às voltas com perguntas sobre “o que, por que e como existe” e se a história oferece um relatório coerente sobre os tempos passados e/ou sobre as idades passadas-presentes, então o tema volta ao passado, partindo do “agora” e da conjuntividade do participante, e revela uma mensagem importante para ele ou para ela. Aborrecemo-nos com a repetição de “Chapeuzinho Vermelho” não porque já a conhecemos, mas porque é irrelevante para o nosso “agora” e conjuntividade da criança, é da maior importância, do contrário ela não insistiria para que fosse repetida. Caso a história volte a ser relevante para o nosso “agora” (por exemplo, se ficarmos envolvidos, por razão analítica ou quaisquer outras), relembramos e a recontaremos, pelo menos para nós mesmos. (HELLER, Agnes, p.72, 1993)

O passado fala quando é questionado a falar, a partir das condições posta pelo presente, ou seja, pelo “agora”. Em entrevista, Rodulfo é levado a todo momento a “questionar” o passado, seja na sua infância, seus costumes, sua vida profissional, seu percurso migratório até a cidade de Chapecó; Rodulfo cria uma narrativa para dar sentido a todas essas coisas e, portanto, a consciência histórica é constituída do presente para o passado. Desta maneira, é possível compreender que os elementos que compõem a consciência histórica passam pela formulação da narrativa, pela prática de contar histórias que, por sua vez, irá se constituir a partir do presente, baseando-se no passado para uma perspectiva de

futuro. Contudo, se compreendermos que a consciência histórica é consequência de sermos seres sociais, das experiências humanas causadas pelas transformações do tempo, pela qual buscamos a todo momento formas de lidar com elas e a compreensão do mundo ao nosso redor. Inevitavelmente, a narrativa constrói um fenômeno fundamental para a sociedade: a noção de identidade coletiva.

A noção de identidade coletiva é composta a partir de um compartilhamento de uma memória social que “em comunidade, os homens precisam estabelecer a liga que os definem como um grupo” (CERNI, p.101, 2007). Nas falas de Rodolfo, é possível perceber que o conjunto de ideias que ele compartilha, são as narrativas bíblicas e a medida que se autodenomina como seguidor de Cristo, reafirma sua identidade coletiva com aqueles e aquelas que compartilham da mesma memória, a memória de Cristo, ou seja, compartilham o mesmo “de onde viemos, o que somos e para onde vamos” (p.101), e a construção de uma memória coletiva está ligada a uma repetição, de rememorar, de contar história, semelhante a um sentimento de tradição. A ideologia cristã, por exemplo, tradicionalmente rememora o sacrifício de Cristo através da Santa Ceia, um memorial que o próprio Cristo teria repassado ao seus seguidores, que conseqüentemente, reforça a memória coletiva deste grupo a qual Rodolfo faz parte.

Por conseguinte, a construção de uma memória coletiva, ou seja, ao compartilhar o mesmo de onde viemos, o que somos e para onde vamos, é possível compreender a importância que a memória desdobra para a sociedade, de eternizar a glória, de lembrar traumas sociais como o Holocausto, com o intuito de que estes acontecimentos não voltem a se repetir e até mesmo de concepções política. Cerni caracteriza fenômeno de pertencimento como “a articulação dos elementos da consciência histórica torna-se a arma no campo de batalha de definição dos rumos da coletividade” (p.103). Somos sujeitos históricos, produzimos história a todo momento, pensamos historicamente para lidar com as questões do nosso cotidiano e as transformações que a passagem do tempo acarreta e, as narrativas, a memória social, o sentimento de pertencimento a um grupo identitário é o que torna esse “lidar” com o mundo possível e, portanto, é parte essencial da consciência histórica. Em uma dimensão coletiva, estes preceitos não mudam e tornam-se fundamentais quando se busca “dimensionar a importância política das relações de poder” (p.103) sobretudo no que se refere ao campo político e econômico. No campo político, Rodolfo menciona sentir-se perseguido quando começa a falar do Governo em chamadas de vídeos com seus amigos. Segundo ele, *“quando a gente começa a falar do Governo a chamada cai e depois começamos a receber*

*ligações de números estranhos*”. A Venezuela vive uma guerra de narrativas<sup>8</sup> Entre o Governo eleito e a oposição, não cabe aqui uma reflexão acerca da política venezuelana, mas sim elucidar a importância da narrativa na disputa e manutenção dos espaços de poder, pois o esquecimento, o apagamento também é elemento fundamental para a construção de uma memória social e, conseqüentemente de uma narrativa, de uma consciência histórica, que justas sintetizam aquilo que a historiografia denomina como “cultura histórica” (WANDERLEY, 2012).

Segundo Wanderley, a “cultura histórica” que perpassa pela consciência histórica, é o que corrobora para o nosso discernimento sobre o mundo, a compreensão de todas as coisas e, nesse sentido, a disputa pelo domínio da História, das narrativas são de extrema importância<sup>9</sup>. Portanto, dominar a narrativa sobre o passado, torna-se definitivo para dominar o presente e, conseqüentemente, definir os caminhos do futuro.

#### 4.2 DOS PROCESSOS ADMINISTRATIVOS: A MIGRAÇÃO VENEZUELANA

Ao descrever sua estadia em Novo Hamburgo, Rodolfo ressalta: “*Só não ficamos lá porque a única coisa que conseguimos fazer lá era o CPF*”. O que de fato levou Rodolfo a não ficar em Novo Hamburgo? A afirmação de Rodolfo pode ser compreendida, como o caminho inicial para se pensar as condições migratórias administrativas e de como estes processos impactam na vida de quem se propõe a migrar, ademais, a resposta para esta declaração é simples: Existe um problema na regularização migratória, intensificado, é claro, pela crise sanitária causada pelo coronavírus. Dito isto, é neste sentido que pretendo discorrer

<sup>8</sup> A exemplo, trago um trecho do jornal eletrônico BBC em uma matéria sobre a crise política do país: Em maio de 2017, após Maduro convocar a Assembleia Constituinte, dizendo que ela irá renovar o Estado e redigir uma nova Constituição, a Venezuela viu mais uma vez uma onda de protestos violentos tomar o país. Mais de 120 pessoas morreram e 2 mil ficaram feridas.

Um ano depois, para agravar a crise, Maduro foi reeleito com 68% dos votos numa eleição contestada dentro e fora do país. O mandatário foi reconduzido ao cargo num pleito que teve 54% de abstenção.

Na ocasião, o candidato derrotado da oposição, Henri Falcón, disse que não reconhecia a eleição e acusou Maduro de usar o Estado para coagir os mais pobres a votarem.

Falcón acusou o governo de influenciar a votação através do Carnê da Pátria, documento que permite que os venezuelanos recolham benefícios do governo e usem os serviços públicos. Maduro prometeu que quem votasse no dia do pleito teria direito a um benefício extra concedido pelo governo. Disponível em

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>> Acesso em: 04/09/2022.

<sup>9</sup> Um exemplo claro é a eleição de 2018, que fora marcada por fake news demasiadamente disseminadas pelo WhatsApp, segue um trecho da reportagem do jornal eletrônico Folha de São Paulo: Uma das reportagens noticiou que empresários apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro (PSL) bancaram o disparo de mensagens em massa contra o petista Fernando Haddad. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>> Acesso em: 04/09/2022.

a seguir.

Até o ano de 2020, cerca de 5 milhões de venezuelanos encontravam-se em condições migratórias. Destes, pouco mais de 1,8 milhões residem na Colômbia, país fronteiriço com os Estados Venezuelanos de Zulia, Táchira, Apure e Amazonas. Outros 800 mil venezuelanos residem no Peru<sup>10</sup>. No Brasil, até o ano de 2021, os dados migratórios referentes a nacionais venezuelanos destacavam-se das demais nacionalidades, 287 mil refugiados em situação regular, isto é, com o documento dentro do prazo de validade, e mais de 1,7 milhões de atendimentos na região fronteiriça com a Venezuela (ACNUR, 2021), esta crescente ocorre diante da crise política e econômica do país sulamericano<sup>11</sup>. É sabido que o principal ponto de chegada desses migrantes é, inicialmente, a cidade de Pacaraima no interior do estado de Roraima e, posteriormente, a capital Boa Vista.

Em apoio a operação acolhida, a OIM (Organização Internacional de Migração) a partir de sua política de interiorização, realocou cerca de 82 mil venezuelanos residentes em Roraima para os demais estados do Brasil, através de custeios de passagens aéreas, dentre os destinos, destacava-se Chapecó, cidade localizada no Oeste de Santa Catarina. O estado de Santa Catarina conta com pouco mais de 18 mil venezuelanos em situação regular, ficando atrás somente dos estados de Roraima e Amazonas, estados estes que, por sua vez, são fronteiriços com a Venezuela.<sup>12</sup>

O SISMIGRA, sistema que é operado pela Polícia Federal, traz em seu escopo mensal e geopolítico, a situação migratória destas pessoas classificadas por condições: residentes, temporários, permanentes e fronteiriços. No entanto, não leva em consideração os registro de refugiados, processo que fica a cargo do CONARE (Comitê Nacional dos Refugiado) que, em seu último censo (2011-2020) contava em sua base cerca de 46 mil refugiados venezuelanos<sup>13</sup> reconhecidos em território nacional. Número expressivamente maior que os nacionais sírios, que ocupam a 2º posição com 3 mil pessoas reconhecidas.

Em 15 de fevereiro de 2018 é instaurado o decreto nº 9285<sup>14</sup>, o qual dispõe sobre o reconhecimento de vulnerabilidade diante do grande fluxo migratório no estado de Roraima,

<sup>10</sup> Dados do Observatório Venezuelano de Migração (OVM - UCAB). Disponível em: <<https://www.observatoriovenezolanodemigracion.org/migracion-en-cifras>> Acesso em: 05/04/2022

<sup>11</sup> Para entender a respeito da crise vivenciada na Venezuela, veja o podcast Pulso Latino, ep 9 da série Caminhos Latinos. Disponível em: <<https://anchor.fm/pulsolatinopodcast/episodes/9-I-Caminhos-Latinos-I-Venezuela-emd4ag>>

<sup>12</sup> Disponível em <<https://dados.gov.br/dataset/sismigra>> acesso em: 09/04/2022

<sup>13</sup> Disponível em <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>> acesso em: 09/04/2022

<sup>14</sup> Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/decreto/D9285.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9285.htm)> Acesso em: 07/08/2022

em decorrência da crise humanitária na Venezuela. A partir deste decreto, começaria então uma série de medidas, dentre elas, a Operação Acolhida que tem como um de seus objetivos, a regularização migratória. O gráfico abaixo mostra os documentos concedidos a nacionais venezuelanos entre 2018 e 2022:

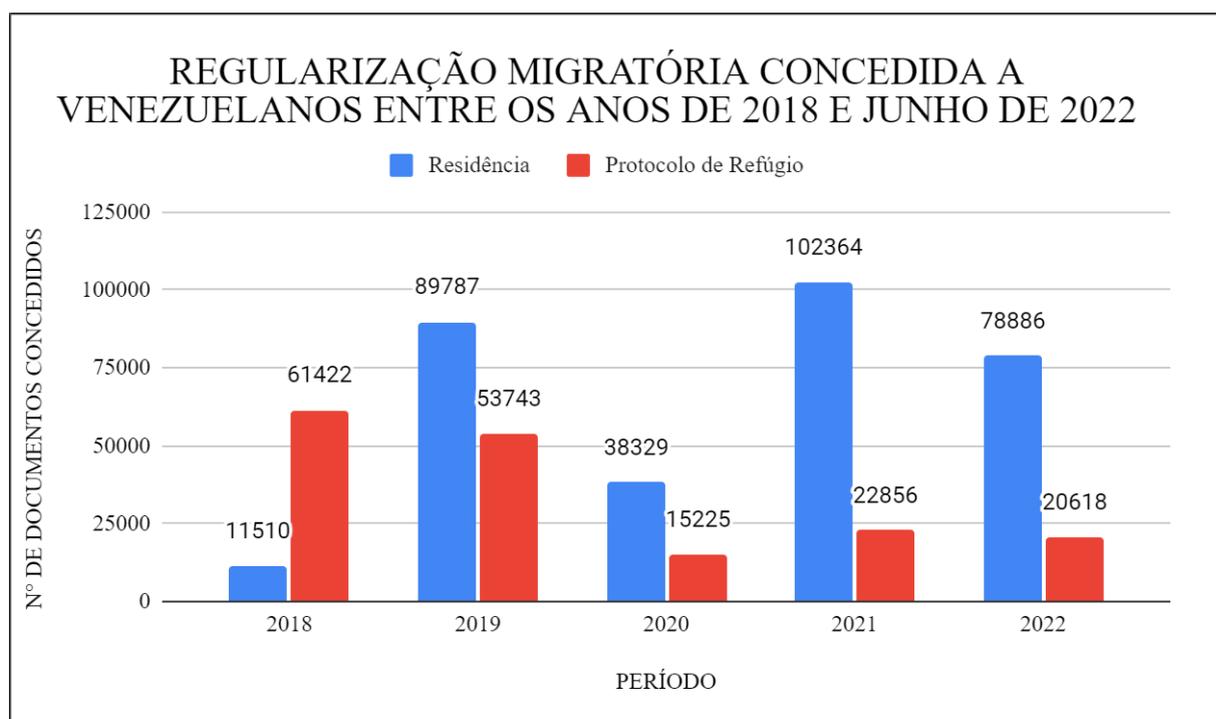


Gráfico 1: Elaborado no google sheets a partir dos dados disponibilizados no OBMigra.

É possível observar que no ano de 2018, as solicitações de protocolo de refúgio são expressivamente maior e que as autorizações de residência, a partir do ano de 2019 esta lógica começa a sinalizar uma inversão que consolida de fato em em 2021, após uma queda nos registros diante da crise sanitária desencadeada pelo coronavírus. É importante ressaltar ao leitor, que embora os números quantitativos de ambos processos em sua totalidade, expressão um determinado valor, porém não é possível interpretar que determinados números de Venezuelanos foram registrados no Brasil, ou seja, por se tratar de documentos de identificação com característica distintas é possível que um determinado indivíduo possa em um momento ter solicitado um e, posteriormente, o outro. Ademais, os números expressados no referido gráfico, não contempla aqueles e aquelas que ainda estão em trânsito e se encontram em condições de indocumentados.

O OBMIGRA<sup>15</sup> (Observatório das Migrações Internacionais) mostra que Chapecó é a cidade que, percentualmente, mais registrou imigrantes no Brasil em um comparativo entre

<sup>15</sup> Disponível em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-trimestrais>> Acesso em: 24/05/2022

março de 2021 e março de 2022. Vale ressaltar que este crescimento não completa aqueles imigrantes que encontram-se em situação irregular, isto é, indocumentados. Além disso, Chapecó não é uma cidade de fronteiras internacionais, sejam elas terrestres, aéreas ou marítimas e, ao meu ver, o que fomenta este fluxo migratório é aquilo que Sayad (1998) caracteriza como a necessidade do mercado de trabalho, ou seja, o imigrante como força de trabalho.

Este fato corrobora para aquilo que aponta Oliveira (2021), pois o Brasil é, historicamente, um dos destinos receptores dos fluxos migratórios, o principal fator, sobretudo no que se refere a cidade de Chapecó, é a demanda de mão de obra voltada para a agroindústria uma vez que “as empresas do ramo precisam trazer esses trabalhadores de fora para executar tais atividades e permitir que a carne possa ser exportada para determinados países” (p.184). Deste modo, é perceptível a contribuição da cidade de Chapecó (SC) para a construção desta concepção.

#### 4.2.1 A REGULARIZAÇÃO MIGRATÓRIA: REFÚGIO E RESIDÊNCIA

Até o presente momento, os imigrantes venezuelanos podem regularizar-se no país por dois modos: O protocolo de Refúgio e a CRNM (Carteira de Registro Nacional Migratório), a popular Residência.

Em linhas gerais, ambos possuem os mesmos direitos e deveres. No entanto, o que posso observar é que os imigrantes que são atendidos pelo CAI, lhes aparece como um objetivo a ser alcançado e este olhar, ao meu ver, carrega consigo uma implicação que considero extremamente preocupante.

Se eu estiver correto, e os imigrantes olharem para ambos documentos em uma perspectiva de escala de privilégios e, nesta escala, a CRNM ocupar o topo dos “privilégios”. O imigrante automaticamente entra na iminência de uma situação vulnerável, a cobrança abusiva de valores referentes a documentação, isto é, a cobrança pela residência. Não falo aqui, das taxas de GRU emitidas pela própria Polícia Federal, a qual a mesma dispõe de medidas que contempla aqueles que não possam pagar, mas sim na cobrança de serviços pelos trâmites da emissão do requerimento de solicitação de residência, um formulário online, disponível no próprio site da Polícia Federal. Este tipo de serviço, se é que podemos chamá-lo

assim, representado muitas vezes na imagem de um Advogado, não assegura, de maneira alguma, um agendamento junto a Polícia Federal, ou seja, não garante ao imigrante a emissão do seu documento.

As solicitações de protocolo de refúgio estão asseguradas na lei Lei N°9474/97<sup>16</sup>, a qual dispõe a solicitação a qualquer imigrante em território nacional através das autoridades competentes que, neste caso, é a PF. Destinando-se a todos que enquadram-se nas condições de perseguição por raça, nacionalidade, opiniões políticas, religião ou por pertencerem a determinados grupos sociais, como também aqueles que têm seus direitos humanos violados e apátridas<sup>17</sup>

Contudo, o processo de refúgio em Chapecó ocorre da seguinte forma: o imigrante solicita o refúgio e é encaminhado a PF para finalizar o trâmite e após, recebe uma solicitação de protocolo de refúgio, um documento provisório com validade de 365 dias que lhe dispõe de gozar dos direitos de está com sua situação administrativa regular, conforme consta em seu artigo 48<sup>18</sup> e garantidos pela Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948. Este procedimento é comentado por Rodulfo durante a entrevista, ao falar sobre os motivos de não ter ficado em Novo Hamburgo (RS):

Só não ficamos lá porque a única coisa que conseguimos fazer lá era o CPF, depois vimos que não conseguimos fazer mais nada, então viemos para Chapecó e aqui realmente nos ajudaram, as pessoas do CAI e o Gabriel que nos mostraram como poderíamos fazer e depois nos encaminharam para a Polícia Federal, ótimas pessoas. E bem, logo depois saiu o protocolo de refúgio, nos deram por um ano. (CHAVEZ PARRA, 2022)

Dentre os solicitantes, ou seja, aqueles que possuem o protocolo de refúgio, os venezuelanos ocupam a 1° posição com 60% das solicitações e isso, conseqüentemente, aumenta consideravelmente a quantidade de nacionais venezuelanos no Brasil.

Os processos de residência seguem os mesmos procedimentos. No entanto, existem algumas especificidades que variam de acordo com as nacionalidade, a partir de acordos internacionais ou até mesmo a concessão de residência que seguem os interesses do Estado, como por exemplo, o programa mais médicos que atualmente, é a uma das poucas formas de nacionais cubanos obterem a autorização de residência.

Diferentemente da solicitação do protocolo de refúgio, a qual o imigrante é

<sup>16</sup> Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm) > Acesso em: 24/05/2022

<sup>17</sup> Pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país

<sup>18</sup> **Art. 48.** Os preceitos desta Lei deverão ser interpretados em harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, com a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, com o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967 e com todo dispositivo pertinente de instrumento internacional de proteção de direitos humanos com o qual o Governo brasileiro estiver comprometido.

encaminhado à Polícia Federal. No que se refere a residência, o processo ocorre mediante agendamento, que é disponibilizado em um determinado dia do mês e de forma online.

Portanto, é possível perceber que há uma pequena diferença entre Refúgio e Residência, uma vez que o Refúgio é um documento de caráter emergencial. Mas se em trâmites legais, o Governo brasileiro concede os mesmos direitos e deveres a refugiados e residentes, o que leva o imigrante a olhar para ambos os documentos a partir de uma perspectiva de privilégios? Intrigado com essa questão, me dediquei em meus atendimentos a compreender um pouco mais a respeito dessa lógica e pude perceber que o problema central está na política de privacidade das instituições bancárias, ou seja, a concessão de crédito, pois embora não seja uma política que esteja escrita, ela se reafirma na prática, no cotidiano, porque conceder crédito a uma pessoa que possui um documento com validade de 365 dias? Nessa perspectiva, é possível compreender que o protocolo de refúgio cria uma inferiorização a quem os possui, frente a quem detém a residência e esta lógica se agrava à medida que as pessoas que possuem o protocolo fazem parte de grupos que, historicamente, são inferiorizados.

#### 4.2.2 OS IMPACTOS À POPULAÇÃO MIGRANTE

Embora o CAI seja um serviço institucionalizado pela prefeitura municipal de Chapecó, o atendimento realizado é semelhante com as demais organizações que mediam o serviço entre a Polícia Federal e o Imigrante. Destaque-se, pois diferentemente de outras instituições, por ser um serviço público de âmbito municipal, utiliza-se de um sistema único, desse modo, consegue trabalhar em rede com as demais pastas, como por exemplo a educação, saúde, assistência social e outros serviços ofertados pelo poder público municipal, enquanto as demais organizações esbarra em condições que perpassam desde a falta de conhecimento do serviço desenvolvido pela rede, a questões burocráticas e administrativas, como também o interesse do poder público de colaborar ou não.

Ao descrever o processo de solicitação de refúgio, Ângela Facundo (2017) ressalta questões nas quais é possível observar algumas correlações com o contexto migratório em Chapecó, seja nas falas dos imigrantes, outrora nas condições administrativas dos demais serviços. Antes de prosseguir, gostaria esclarecer ao leitor que exceto os serviços exercidos pela Polícia Federal, todos os serviços relacionados à regularização migratória realizados por outras organizações são de domínio público, ou seja, qualquer indivíduo pode acessar os respectivos sites e realizar o trâmite desejado. A concentração destas atividades nesta

organizações e aqui, contemplo também o CAI, ao meu ver, corrobora para a concepção que Foucault (2002), atribui o nome de tecnologias de disciplina do trabalho.

A disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 2002. p. 289).

Existe, portanto, uma tentativa de instaurar práticas regulamentadoras a população global, que tem como objetivo resumir e enquadrar as pessoas em uma mesma ideia, sem considerar suas singularidades, as questões e condições que tornam os indivíduos únicos, como suas nacionalidades, os percursos que enfrentam durante o processo migratório, entre outras situações que provém do cotidiano.<sup>19</sup> “E isso não se trata, por conseguinte, em absoluto, de considerar o indivíduo no nível do detalhe, mas pelo contrário, mediante mecanismo globais, de agir de tal maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio, de regularidade” (FOUCAULT, 2002).

A primeira correlação que coloco é a que, de forma breve, abordei anteriormente: A concentração das atividades de regularização migratória. Enquanto no texto de Facundo esta concentração se dá por meio da Cáritas (p.133), em Chapecó se manifesta através do Centro de Atendimento ao Imigrante e se torna ainda mais evidente com a vinda do PAE (Posto de Atendimento ao Estrangeiro) ao lado de sua sede, setor de regularização migratória de não nacionais brasileiros da Polícia Federal.<sup>20</sup>

Em conversas informais ou até mesmo em meios aos atendimentos, certas reclamações e comparações se tornaram recorrentes, a principal delas, destinava-se à dificuldade em obter a regularização migratória, situações semelhantes àquelas apontadas por Facundo (p.134). Contudo, enquanto no cenário colocado pela autora, o problema aparenta estar na organização que media o serviço entre o imigrante e a Polícia Federal, no contexto migratório de Chapecó, está lógica se inverte. A PF não consegue suprir toda a demanda apresentada, pois para além de atender com um contingente menor, tem em sua jurisprudência toda a região Oeste de Santa Catarina, enquanto o CAI, por ser um serviço Municipal, concentra seus atendimentos

<sup>19</sup>Como já mencionado, o CAI também realiza outras atividades que vão além da regularização migratória e dentre estes serviços, encontram-se os encaminhamentos para trabalho, contudo, existe uma política de combate ao desemprego que antecede o fenômeno migratório na cidade de Chapecó, O balcão de empregos municipal. No entanto, com o alto fluxo migratório na cidade, a Prefeitura concentra os atendimentos à população migrante no CAI, o que consequentemente, culmina em segregá-los dos demais cidadãos da cidade.

<sup>20</sup> Embora não tenha mencionado, há em Chapecó outras organizações que direcionam atendimentos a comunidade imigrante, como por exemplo: A Pastoral do Imigrante, AVSI Brasil, Visão Mundial e associações dos respectivos imigrantes como a COMHA, de Haitianos e a ABIV, de Venezuelanos, entre outras.

apenas ao imigrante que reside em Chapecó.

A não regularização migratória incide diretamente na vida de um imigrante, principalmente quando o assunto é o trabalho, pois mesmo após o Governo Federal emitir a portaria 28/2022<sup>21</sup>, que prorroga a validade do documento migratório emitido após 16 de março de 2020<sup>22</sup>, o imigrante se depara com políticas mais rigorosas das empresas, que não permitem a contratação de imigrantes com documentos vencidos, e para além das contratações, as aberturas de contas bancárias (importantes para o recebimentos dos salários), muitas vezes, não são liberadas sem a regularização migratória.

Quando Rodolfo discorre entusiasmado sobre o Brasil e a cidade de Chapecó, principalmente ao entonar em entrevista gravada “E de primeira me arrumaram um emprego”, não condiz com a realidade apresentada na cidade. O cenário colocado por Rodolfo, de modo algum deve ser ignorado, ou tido como uma inverdade, no entanto, é incabível sua aplicação no que se refere ao todo.

A terceira correlação, é a percepção dos imigrantes do Estado que se desenha a partir dessas problemáticas. Na obra de Angela Facundo, a imagem do Estado expressada pelo imigrante José Alberto (p.134) destaca-se em sua fala a ideia de não ser bem vindo e, se não for um compromisso, seria melhor não recebê-los. No entanto, embora a fala seja direcionada ao Estado Brasileiro e a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), o que gera esta insatisfação aparenta ser a má administração da Cáritas, uma instituição ligada à Igreja Católica e que faz a ponte entre o imigrante e a Polícia Federal, que neste caso, representa o Estado. Ou seja, no caso de José Alberto a sua insatisfação é causada por uma ONG sem vínculo com o Estado Nacional mas que, neste cenário, não há distinção entre um e outro. Em Chapecó, a parceria da Polícia Federal ocorre através do CAI e, como já mencionei, a DPF/XAP não consegue dar conta da demanda regional. Contudo, em ambos os casos permanece a percepção dos imigrantes sobre o Estado Brasileiro, quando por exemplo, ao falar para um imigrante que não fazemos um agendamento junto a PF e sim o requerimento de residência, o que ouvimos, na maioria dos casos, é que nós não queremos dar a residência para estrangeiro, que dificultamos o máximo e que no Brasil, tudo para estrangeiro é difícil.

Para além do que a autora coloca, como também dos episódios que vivencio, a reflexão acerca desta imagem do Estado, se reafirma ao passo daquilo que coloca Wermuth

<sup>21</sup> **Art. 1º** Fica prorrogado até 15 de setembro de 2022 o prazo para obtenção ou registro de autorização de residência, e para registro de visto temporário, dos estrangeiros que cuja documentação migratória tenha expirado a partir de 16 de março de 2020.

<sup>22</sup> Dia em que o Ministério da Saúde decretou o início da pandemia de coronavírus no Brasil.

(2020), ao tratar sobre a Lei nº 13455/17<sup>23</sup> que, durante a tramitação da referida lei houveram diversas repulsas por parte de parlamentares que se opunham ao seu avanço, mediante a argumentos nos quais colocavam os imigrantes como um problema a mais para o governo brasileiro, sobretudo, no que se refere à saúde, emprego e segurança nacional (p.2347). Desta maneira, a imagem do Estado frente aos imigrantes, pode ser compreendida como um reflexo do olhar que os próprios parlamentares têm do movimento migratório.

Ao analisar os processos judiciais de imigrantes acusados de tráfico internacional no Forum Federal de Guarulhos, Lucia Sestokas (2021) descreve minuciosamente as nuances da teleaudiência a qual acompanhou. Me chamou atenção a forma como Sestokas relata às figuras de poder presentes na tele audiência, como também o descumprimento do código penal brasileiro que “garante a entrevista entre advogado e réu sem a presença de nenhum guarda para que não haja constrangimento do réu (p.147)”, sob a justificativa de que o réu não poderia ficar sozinho na sala com acesso a internet e aparelhos eletrônicos, mesmo que a todo o momento encontrava-se em chamada de vídeo com a presença da defensora, equipe técnica de audiovisual, a própria Lúcia e, posteriormente ao Juiz e Promotor. Me interessa neste momento, pensar a partir do que coloca Facundo, Wermuth e Sestokas que, embora de distintas perspectivas, parecem possuir um ponto em comum: A imagem do imigrante como um problema.

A regularização migratória não só incide nas condições laborais e, por conseguinte, nas responsabilidades supridas pelo trabalho. Mas na vida de um modo geral, Rodulfo precisou sair de Novo Hamburgo, cidade que menciona com grande esmero, na qual relembra seus pais, com conforto e, ao falar de Lídia despeja afetos e agradecimentos por tudo que fez a ele. A exemplo de Achille Mbembe (2018), que em seu texto intitulado *Necropolítica*, nos mostra que todas as estruturas sociais que se constituíram, em geral, não levam a comunidade negra a nenhum outro destino que não seja a morte. Diante da conjuntura que se apresenta aos imigrantes que residem no Brasil, especialmente, aos que estão e/ou que em seus percursos enfrentam circunstâncias de vulnerabilidade e as adversidades mencionadas, questiono-me: as condições posta a esses indivíduos os levam a qual destino?

As problemáticas do processo migratório em sua totalidade cria, por consequência, uma categoria de inferiorização dos imigrantes frente a sociedade brasileira e são reafirmadas em diversas esfera do cotidiano, seja pelo olhar dos parlamentares como ressalta Wermuth (2020), nas autoridades judiciais apontadas por Sestokas (2021), nos sentimentos dos próprios

<sup>23</sup> Institui a Lei de migração e revoga o estatuto do estrangeiro. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/13445.htm) > acesso em: 21/02/2022

imigrantes como expressa Facundo (2017) e, não somente, nas condições consideradas básicas como a concessão de crédito e aberturas de contas bancárias, para aqueles que possuem refúgios e documentos vencidos. Ademais, é possível se pensar que, dentro desta perspectiva, esta inferiorização se aprofunda se ressaltadas as particularidades de grupos sociais historicamente excluídos: negros, mulheres e lgbtqi+.

Portanto, me parece que a medida que estas estruturas são reafirmadas no cotidiano de quem se propõe a migrar, aquilo que a priori se apresentava como “humanitário” ao analisar a totalidade das condições migratórias, não caracteriza-se tão humanitário assim.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, busquei não apenas contar as experiências de Rodolfo, como também refletir acerca delas e das diversas condições que se estabelecem. Embora a discussão teórica seja, por conseguinte, necessária dentro do trabalho historiográfico, não coube a mim adentrar em outra discussão que não fosse acerca das experiências, ora individuais, ora coletivas mas sempre presentes dentro do cotidiano.

Portanto, busquei a todo momento trazer Rodolfo para o centro da minha escrita histórica, ou melhor, os inúmeros Rodolfos que possam se encontrar nesta breve história. E para que eu possa falar sobre, preciso pedir licença ao leitor para retornar a alguns apontamentos que fiz ao longo deste trabalho. No campo administrativo, falei a respeito das políticas de privacidade dos bancos, da concessão de créditos e das inúmeras condições que se desdobram aos detentores de refúgio, penso que ainda há campo de pesquisa para que possa se explorar. Questiono-me: a partir desta biopolítica que se desenha, é possível pensar a formação de bairros identitários dentro do cenário migratório em Chapecó? Levando em consideração que a medida que essas condições se reafirmam, seja pelas políticas dos bancos, das empresas que contratam e até mesmo da própria sociedade, essas pessoas tendem a ser empurradas para os subúrbios da cidade. São inúmeras as visitas e questionamentos ao CAI sobre migrantes para trabalhar em fazendas e casas do interior, representada, muitas vezes, na figura de um homem branco, de idade mais avançada e com propostas de trabalho no mínimo questionáveis e, neste cenário, é possível pensar o trabalho escravo migrante em Chapecó?

A cidade de Chapecó se constituiu historicamente como receptora de imigrantes ao longo do tempo e vem, nos últimos anos, recebendo novos fluxos que, conseqüentemente, abrem espaço para novas pesquisas e contribuições para o cenário migratório da cidade.

No campo subjetivo, busquei trazer as experiências, a memória, a forma como a humanidade lida e se relaciona com o mundo. Esta condição vai para além de Rodolfo, se iniciou ainda nas minhas primeiras leituras para esta pesquisa, quando, de certa forma, me encontrei como historiador, o porquê e o pra quem eu escreveria história. E neste sentido, busquei fugir das grandes guerras e eventos públicos independente de suas relevâncias, com o intuito de elucidar ao leitor que a História enquanto ciência só existe, porque nós existimos. Este trabalho só existe porque existe um leitor e, conseqüentemente, só existe um leitor porque existe um autor. Os eventos públicos, as grandes guerras e revoluções têm sua importância para a história e para a memória coletiva. Contudo, é de meu interesse prosseguir registrando a história daqueles e daquelas que, por alguma razão não foram concedidas, ou

tratadas como importantes sejam eles migrantes que se deslocam pelo mundo em busca de melhores condições de vida, a empregada doméstica que deixa seus filhos em casa a semana inteira para prover seu sustento, aos filhos que cresceram sem pai, dos trabalhadores que penduram-se na caçamba de caminhões e recolhem lixos pelos subúrbio das grandes cidades, dos comerciantes ambulantes que vendem seus produtos no sol dos litorais deste imenso país, daqueles e daquelas que levantam para trabalhar antes mesmo que o sol nasça e os galos cantem. Portanto, todas as vezes que eu pegar uma caneta e um papel, eu possa dedicar a minha escrita histórica a eles. E peço licença ao leitor, mais uma vez, pois já havia dito isto ainda no início deste trabalho, não com minhas palavras, mas faço, como Manoel fez suas poesias e Durval sua prosa Histórica.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil.** Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Bauru: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História.** São Paulo: Intermeios, 2019.

ANTÓNIO, Moisés Tiago. **O Viajante.** 2019. Disponível em: <https://migramundo.com/o-viajante-poema-de-mois-es-antonio/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

A ORIGEM. Direção de Christopher Nolan. [S.I.]: Legendary Pictures, 2010. (148 min.), P&B.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 9.285, de 15 de fevereiro de 2018. Reconhece a situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária na República Bolivariana da Venezuela. **Diário Oficial da União.** 32. ed. Brasília, p. 3, 2018.

BRASIL. Governo Federal fecha 2021 com mais de 287 mil refugiados venezuelanos regularizados pela Operação Acolhida. **Governo Federal.** Brasília, 28 dez. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/12/governo-federal-fecha-2021-com-mais-de-287-mil-refugiados-venezuelanos-regularizados-pela-operacao-acolhida>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº9.474, de 22 de Julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, p. 15822, 1997.

BRASIL. Portaria Nº 28/2022-DIREX/PF, de 11 de Março de 2022. Dispõe sobre prorrogação de prazo para regularização migratória no âmbito da Polícia Federal. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, Ed.51. p.72, 2022.

BRASIL. **Portaria Mc Nº 641, de 9 de Julho de 2021.** Dispõe sobre o repasse emergencial de recursos federais para a execução de ações socioassistenciais nos municípios que recebem contingente de imigrantes e refugiados oriundos de fluxo migratório provocado por crise humanitária agravada pela situação de Emergência em Saúde Pública decorrente do novo coronavírus, Covid-19.129. ed. Brasília, 12 jul. 2021.

CERRI, L. F. OS CONCEITOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E OS DESAFIOS DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA. **Revista de História Regional,** [S. l.], v. 6, n. 2, 2007.

DRM/CGPI/DIREX/PF. **SISMIGRA - Sistema de Registro Nacional Migratório.** Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/sismigra>. Acesso em: 09 abr. 2022.

FACUNDO, Ângela. **Êxodos, refúgios e exílios**: colombianos no sul e sudeste do Brasil. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017. 338 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: Velhas Questões, Novos Desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: aula de 17 de março de 1976. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 285-315 p. Tradução: Maria Ermantina Galvão.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. Tradução: Laurent Léon.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 80 p.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

OBMIGRA. **Relatórios Trimestrais**. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-trimestrais>. Acesso em: 24 maio de 2022.

OLIVEIRA, Wagner Farias de. Trajetórias de migrantes por demanda de empregadores locais no mercado de trabalho formal brasileiro na década de 2010. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021

PELLEGRINO, Adela. **Migraciones**: una visión desde los censos. Montevideo: Nuestro Tiempo, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PULSO LATINO: Caminhos Latinos: Venezuela. Entrevistado: Fabio Luis. Entrevistador: Rafael Lima. [S.L.]. 12 Nov, 2020. Disponível em: <https://anchor.fm/pulsolatinopodcast/episodes/9-I-Caminhos-Latinos-I-Venezuela-emd4ag> Acesso em: 03/09/2021.

RUSEN, Jorn. **Razão Histórica**. Teoria da História: Os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da Unb, 2001.

SASAKI, Elisa Massae; DE OLIVEIRA ASSIS, Gláucia. Teoria das migrações internacionais. *Anais do XII Encontro Nacional da ABEP* (2000), 2016, 1-19.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998,

299 p.

SESTOKAS, Lucia. Entre papéis e máquinas: breves considerações sobre a virtualização dos processos judiciais no Brasil. **TESSITURAS V9 N2 JUL-DEZ 2021**. Pelotas,RS.

UCAB. **Migración venezolana en perspectiva**: cifras claves. Disponível em: <https://www.observatoriovenezolanodemigracion.org/migracion-en-cifras>. Acesso em: 05 abr. 2022.

WANDERLEY, Sônia M. A. I. Cultura histórica, mídia e ensino de história: problemas políticos de ensinar e aprender. **Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-RJ**. São Gonçalo, ANPUH-RJ, 2012

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. As políticas migratórias brasileiras do século XIX ao século XXI: uma leitura biopolítica do movimento pendular entre democracia e autoritarismo. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 2330-2358, out-dez. 2020.

## ENTREVISTAS

CHAVEZ PARRA, Rodolfo. Entrevista concedida a Gabriel Vaz. Chapecó, 2022. Gravada. Traduzida. Transcrita.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS**

### **DA FAMÍLIA**

1.1 Onde você nasceu?

1.1.1 Como era o seu bairro? Sua cidade?

1.2 Você tem irmãos?

1.3 Como era a relação com seus familiares? Seus pais, tios, primos e avós?

1.3.1 Sobre seus antepassados? São oriundos da Venezuela? Migraram para Venezuela? O que você sabe sobre eles?

1.3 Você e sua família professam alguma religião?

### **ADOLESCÊNCIA**

2.1 Quando você lembra de começar a paquerar? Como foram suas aproximações e namoros? Algum te marcou?

2.3 Quais eram seus sonhos na adolescência?

2.3.1 Conseguiu realizá-los?

2.4 Me conte sobre o período da Escola?

2.4.1 Era uma escola pública ou privada?

### **ADULTO:**

3.1 Você trabalhava com o que?

3.2 Você estudou em alguma instituição de ensino superior? Que curso? Pública ou privada? E os outros membros da sua família?

3.3 Você casou ou teve um relacionamento estável?

3.4 Onde você morava na Venezuela? Era próximo de Centros Urbanos? ou mais ao interior?

### **DA COMPREENSÃO POLÍTICA:**

4.1 Você é ativo politicamente?

4.1.1 Se a resposta for positiva:

4.1.1.1 Como foi o primeiro contato com a política?

4.1.1.2 Conte-me sobre essa experiência?

4.1.2 Se a resposta for

negativa: 4.1.2.1

### **DO EXÍLIO:**

5.1 Você foi perseguido?

5.1.1 Se a resposta for positiva:

5.1.2 Teve algum dano material ou imaterial?

5.2 O que foi crucial para que decidisse sair da Venezuela? (Motivos e sentimentos)

5.2.1 Me conte sobre o seu processo de viagem? Por quais cidades você passou até chegar em Chapecó?

5.2.2 Durante o trajeto, algo te marcou?

### **NO BRASIL:**

6.1 Em que momento e porque escolheu vir para o Brasil?

6.1.1 Como conheceu Chapecó? E porque decidiu vir para esta cidade?

6.2 O que trouxe consigo para o Brasil?

6.2.1 Ao arrumar as malas, o que era importante que de forma alguma não poderia faltar? (Material e Imaterial)

6.3 Como é a relação com outros Venezuelanos no Chapecó?

6.4 Como se sente no Brasil? Como é sua relação com brasileiros?

6.5 Quais são suas lembranças sobre a Venezuela? E suas principais saudades?

6.5.1 De que modo você enxerga a Venezuela no Brasil? O que faz para suprir seus costumes? Desde a arte a outras questões culturais.

6.6 Considera o Brasil um recomeço?

6.6.1 Se a resposta for positiva:

6.6.1.1 Pretende permanecer no Brasil? Ou retornar à Venezuela?

6.6.2 Se a resposta for negativa:

6.6.2.1 O que pretende fazer daqui pra frente?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado, você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa científica. Desenvolvida por Gabriel Vaz, discente do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó, sob a orientação do professor Dr. Vicente da Silva Neves Ribeiro.

Este TCLE se refere ao estudo "DO NORDESTE DA VENEZUELA AO SUL DO BRASIL: O PROCESSO MIGRATÓRIO VENEZUELANO EM CHAPECÓ (SC).", cujo objetivo é compreender, através de uma biografia, as condições presentes nos percursos migratórios contemporâneos, sobretudo os trajetos feitos por venezuelanos ao longo dos últimos anos. As maneiras como tais condições se manifestam na vida e no cotidiano de forma geral, seja no seu campo social, político ou econômico. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper a entrevista e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, quando solicitadas. A entrevista será armazenada em local seguro e você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper a entrevista e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição. No entanto, sua participação é vital para este estudo.

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada, que serão gravadas e transcritas posteriormente, o tempo estimado para a duração da entrevista é indeterminado e poderá ser solicitada mais de uma entrevista, a depender da necessidade do estudo.

A entrevista será gravada apenas para transcrições e somente com sua prévia autorização. Assinale a seguir conforme sua autorização:

AUTORIZO A GRAVAÇÃO

NÃO AUTORIZO A GRAVAÇÃO

A entrevista será transcrita e armazenada, em arquivos digitais, mas somente terão acessos o pesquisador e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa, é de possibilitar o registro da experiência atual do movimento migratório venezuelano, relacionado com aspectos sociais, econômicos e políticos. Ademais, também irá apoiar com seu relato, um retorno significativo à comunidade migrante.

A participação nesta pesquisa poderá causar constrangimentos durante uma pergunta ou observação, tendo em vista que se refere a sua vida pessoal e, por isso, existe a possibilidade de determinadas temáticas serem evasivas. No entanto, não é de modo algum obrigatório a resposta a qualquer pergunta que gere um desconforto.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, apenas uma via. Desde já, agradeço sua colaboração!

Chaves, 18 de Junho de 2022

Termo recebido por:

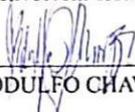
Gabriel Vaz P. Chaves

Contato profissional com o pesquisador responsável  
 TEL: (49) 99158-2994  
 EMAIL: gabriel.chaves@estudante.uffs.edu.br

#### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, RODULFO CHAVEZ PARRA concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento. Fui informado também que posso solicitar uma versão deste documento via e-mail para os pesquisadores.

Do mesmo modo, autorizo a utilização do meu nome, imagem, informações e meus dados pessoais, compreendo o objetivo deste trabalho de evidenciar minha trajetória de vida, a partir dos aspectos culturais que envolvem essa experiência.

  
 \_\_\_\_\_  
 RODULFO CHAVEZ PARRA

\_\_\_\_\_  
 Nº RNM/PROTOCOLO DE REFÚGIO

## APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Chapecó, 18 de Junho de 2022

### **Rodolfo, onde você nasceu?**

Nasci na cidade de encontrados, estado de Zulia, Venezuela. É uma vila bastante pequena, mas era próspera para criação de gado. E esse tipo de trabalho de campo é bastante enriquecedor. Assim, foi aí que fui educado na escola primária e secundária. E tive uma infância bastante ampla, bastante bonita, bastante agradável. Junto com os meus pais. Fui o último dos meus irmãos. E bem, Depois cresci e tive de estudar, para fazer o ensino superior. Fui também à cidade de Maracaibo, estado de Zulia. Estudei Inglês, Italiano e Design de Moda na Escola Superior de Artes Plásticas do Estado Zulia também.

### **E como era sua cidade?**

Era uma vila muito pequena, era uma vila muito pequena, era uma vila que mais parecia um bairro, um clima muito quente. Mas havia muita prosperidade. Sim, a questão é que a Venezuela nessa altura era próspera em todos os aspectos, era muito próspera.

### **Você me contou que foi o último dos seus irmãos, pode me contar um pouco sobre seus irmãos?**

Meus irmãos, não, não lhe posso falar muito sobre eles porque fui o último de todos, nasci 7 anos depois. E quando eu tinha um pouco mais de consciência, os meus irmãos mais velhos estavam em escolas militares. A minha irmã já era casada. Bem, quando nos víamos, era durante a época do Natal e do Ano Novo, e esse tipo de coisas.

### **E como era a relação de vocês?**

Bom, era excelente

### **E o que você sabe sobre seus antepassados? Eram imigrantes?**

Eram imigrantes, eram negros e índios. Negros, índios e também espanhóis. Assim, claro, há diferentes raças, algumas são brancos, algumas são morenos, outros são negros. Mas, mantivemos as facções espanholas, os perfis espanhóis e os perfis europeus. Mas de sangue de índios e negros com europeu.

### **Você e sua família professam alguma religião?**

Os meus parentes alguns são católicos sim, e outros são protestantes

### **E você?**

A minha religião começou com o... com o... com o catolicismo, sim, com o

catolicismo, mas na escola primária ensinavam-nos a Bíblia, certo? Então, na Bíblia... Li, li, mas mais tarde, quando me tornei mais consciente na minha juventude, fui me dando conta de que haviam coisas que não acrescentam à palavra de Deus. Então, eu não concordei com isso. Faço exatamente o que a palavra de Deus diz. Sim, quero dizer, mas respeitando os outros.

**Você se denomina protestante?**

Sim, não é que me denomino protestante, os outros me chamam de protestante, mas eu me autodenomino cristão... Cristão.

**Quando você lembra de começar a paquerar? Como foram suas aproximações e namoros? Algum te marcou?**

Pela condição da Venezuela e pela condição que eu vivia, eu nunca consegui me apaixonar a não ser pela arte e isso sempre foi o que me moveu, mais do que qualquer outra coisa.

**Você me contou sobre onde nasceu, cresceu. Mas poderia me contar um pouco mais sobre você? Quantos anos você tem?**

Com qual idade eu sai da minha cidade?

**Não, sua idade?**

Como é que me sinto com a minha idade atual? Me sinto bem, porque me considero uma pessoa saudável.

**E você tem 58?**

57

**Sim**

Me sinto saudável, mas agora com gripe

**HAHA, Acontece com esse frio, né? E você se recorda dos seus sonhos na adolescência?**

**Quais eram seus sonhos?**

Sempre sonhei.. sempre sonhei com as passarelas de moda e artes

**Seu sonho sempre foi..**

Sempre, sempre.. Foi uma obsessão isso.

**E você conseguiu de alguma forma alcançá-lo, realizá-lo, trabalhar com isso?**

Sim, em Maracaibo quando terminei meus estudos de desenho, fui trabalhar numa loja de alta costura de uma senhora, uma chilena e uma peruana. Deram-me a oportunidade de vir e trabalhar com eles e aí tiveram desfiles de moda. Sim, houve vários desfiles de moda.

**Me chamo Mayara, também falo espanhol. Então poderá ficar à vontade para falar em seu idioma. Poderia nos contar sobre o seu tempo na escola? Quando estudava na escola?**

Na escola, era uma pessoa prepotente, uma pessoa forte, uma pessoa de caráter, a qual tinha de ser. E, além disso, isso me ajudava porque o meu pai era uma pessoa mais ou menos poderosa na cidade, portanto, fui sempre eu quem liderou o grupo.

**Sim, você poderia me contar um pouco sobre seu Pai? Já que me disse que ele era uma pessoa poderosa?**

Não poderoso no aspecto, como geralmente compreendemos, algumas pessoas não compreendem que ele era uma pessoa poderosa porque era prefeito lá e era uma pessoa que foi estudada e naquele tempo, poucas pessoas na sua idade foram estudadas, entende? É por isso. Mas ele era uma pessoa muito humana, era uma pessoa muito, muito humilde, de coração simples. Falava muito bem, era bem-comportado, um barão, um cavalheiro.

**E sua mãe?**

E minha mãe era uma grande dama. Sempre em casa, sempre cuidando de nós, sempre conosco, sempre. Sempre a vi dentro de casa, nunca vi a minha mãe fora.

**E sobre a escola que você estudava, era pública ou privada?**

Era uma escola pública. Acontece que as escolas públicas naquele tempo.. naquele tempo não haviam escolas privadas. Porque existia uma educação de primeira.. era uma educação de primeira e apesar de ser uma cidade pequena, tinha quatro ruas, era uma educação excelente.

**Em qual ano concluiu seus estudos?**

Perdão?

**Em qual ano concluiu seus estudos na escola?**

Aaah, não me recordo.

**Não se lembra? Não há problema.**

Que doce! Eu gosto (Bebeu o café)

**Na Venezuela, trabalhava com o que?**

Na Venezuela trabalhava com desenho de modas, com alta costura e com arte, pintando.. quero continuar pintando. Eu disse ao Gabriel quando passamos pela escola de arte. **E fez algum curso de graduação?**

Sim, estudei na Escola Superior de Artes Plásticas do Estado de Zulia.

**Era pública ou privada?**

Era pública

**E os outros membros da sua família, também fizeram curso superior?**

O meu irmão antes de mim tinha uma licenciatura em educação. Ele e os outros mais velhos estavam no exército.

**E onde se encontram os membros de sua família hoje?**

Como?

**Onde estão os membros de sua família?**

Estão todos mortos.

**E chegou a se casar? Ter um relacionamento?**

Não, não..

**Sobre as questões políticas, se considera uma pessoa ativa politicamente?**

Não. A política na Venezuela e na América Latina está, para não ser pessimista, acredito que está passando por uma transição.. uma transição e espero que seja, se realmente estiver, espero que seja favorável. Porque, o que acontece é que... A população.. A população.. Como posso dizer? Uma falta a verdadeira crença de que Deus é o Deus o criador. Nós, todos os habitantes destes países, estamos como os israelitas, que diziam: O que precisamos ter? Sabemos que existe um Deus, mas necessitamos de um Rei. É isso que precisamos deixar, sair dessa situação e compreender de uma vez por todas que não podemos endeusar os governantes, ou seja, porque eles são servidores nossos. Temos o direito de nos unirmos e tirá-los caso não sejam bons para nós. É um dos trabalhos mais importantes, difícil, muito difícil, mas também, todos os que se comprometem com isso, precisam fazer da melhor maneira possível

**E como isso afeta sua vida particular, suas experiências, seu trabalho? Você me disse que é uma pessoa que está sempre envolvida com a arte, que está sempre.. sempre viveu da arte. Então como essa política, como essa transição que você fala afeta sua vida?**

Naturalmente, quando há mudanças políticas que afetam a economia, não apenas a minha, mas a economia de toda a população também te afeta, ou seja, não se pode dizer mentiras, não se pode dizer: “não, isso não me afeta, estou feliz, calmo e muito feliz”. Eu estou muito feliz aqui em Chapecó, me sinto muito bem... com gente mais civilizada, com pessoas que realmente me acolheram, que logo me deram emprego, atenção.. Na Venezuela isso era afetado pela situação, a situação política afetava em todos os aspectos da vida. Então temos que sair. Você não tem como continuar ali, porque você se sente como se estivesse queimando o que pensam as pessoas, podem ir aos EUA, ao Brasil ou a qualquer outro país o que passa? O que as pessoas pensam: pode ter uns meses, um ano, dois anos de dificuldades. Mas isso não importa, porque as dificuldades se superam, mas a Venezuela tem vivido uma situação política de 60 anos ou mais, mas enquanto você está vivo e tem um espírito jovem, você é jovem. Então você tem que seguir aprendendo, seguir se doando.

**No seu processo migratório, chegou a ser perseguido ou algo assim?**

Na Venezuela eu não tive problema com nada. Sempre fui uma pessoa muito calma e paciente, uma pessoa caseira sempre em casa e no meu trabalho. O que ocorre é que tenho amigos nos EUA, no Chile, outros na Colômbia e sempre fazemos videochamada e parece que nos perseguem nas chamadas, ou seja, quando a gente começa a falar do Governo a chamada cai e depois começamos a receber ligações de números estranhos. E a oportunidade de vir para o Brasil aconteceu por uma amiga que está no Chile vir para cá com sua mãe, mas não tenho família na Venezuela, todos os meus familiares estão mortos, então eu disse que vou e aí saímos na fronteira da Venezuela com a Colômbia às 03h da madrugada, saímos de madrugada para nenhum venezuelano ver, e isso vai te deixando doente, eu estava ficando doente com essa situação.

**Você teve algum dano material ou imaterial?**

Não. As pessoas que estão com.. com a gente tem sido, como posso dizer, bastante... bastante humano. Chegamos ao Rio Grande do Sul e a menina que fomos encontrar, nos conhecemos na Venezuela há cerca de 15 anos. Nos recebeu de forma excelente, excelente de verdade. Só não ficamos lá porque a única coisa que conseguimos fazer lá era o CPF, depois vimos que não conseguimos fazer mais nada, então viemos para Chapecó e aqui realmente nos ajudaram, as pessoas do CAI e o Gabriel que nos mostraram como poderíamos fazer e depois nos encaminharam para a Polícia Federal, ótimas pessoas. E bem, logo depois saiu o protocolo de refúgio, nos deram por um ano. E o que nos disse o senhor foi que depois de 3 meses com o protocolo poderíamos começar a pedir a cédula.

**O que foi crucial para sair da Venezuela? Os motivos, os sentimentos..**

Eu já não tinha mais nada, ou seja, um... Eu já estava assim a três anos e a situação da Venezuela já levava 21 anos. Eu já não tinha mais trabalho, já não tinha sapatos e eu comia porque uma senhora de um restaurante me dava comida, estava passando por uma situação forte, muito, muito forte. Então eu disse: Se eu ficar aqui, vou morrer logo, porque tenho uma má alimentação e o pensamento te leva a isso, a uma morte rápida.

**E você veio pela Colômbia, correto? Veio por avião? Como foi esse processo de viagem?**

A viagem foi.. Como posso te dizer? A.. a.. a filha de uma amiga, que é como uma irmão para mim, aproveitou uma promoção e essa promoção saia de avião, mas precisamos ir para a Colômbia, Barranquilla. Então fomos até a fronteira e chegando lá, mostramos o passaporte e, de lá, fomos até Barranquilla, Colômbia. E de Barranquilla, Colômbia fomos até Panamá e do Panamá viemos ao Brasil, porque saía muito mais barato pois era uma promoção que oferecia serviço de bordo.

**E quem é essa filha de sua amiga?**

Perdão?

**Quem é a filha de sua amiga que te ajudou?**

É a filha de uma amiga, ela vive no Chile

**E porque optou em vir ao Brasil e não ao Chile? Já que ela estava lá e você teria alguém..**

É que a ideia era ir ao Chile

**Então vir para o Brasil não foi planejado?**

Mas, quando chegamos eu disse a minha amiga: você vai para o Chile? Porque eu vou ficar no Brasil, eu. Porque eu analisei uma situação no Chile que está parecendo uma situação quando começou na Venezuela. Então eu pensei, não vou sair da Venezuela para um outro País que vai entrar no mesmo processo, entende? Então é por isso que estamos aqui e ficamos aqui, para ser sincero, eu só saio daqui se for para ir para Portugal, Espanha.. Mas aqui eu me sinto bem, eu me sinto tranquilo.

**E durante este trajeto, algo te marcou de alguma maneira? Algo que viveu, que viu?**

Não... Claro que eu sinto falta, como posso dizer,

**Você comentou que veio ao Brasil, mas qual cidade você chegou?**

Chegamos a São Paulo, Brasil. E em São Paulo, falaram que meu passaporte estava vencido, então ele disse: Ah, sim, é verdade, os venezuelanos, isso não importa.

Amigo, não podemos renovar nosso passaporte porque somos extorquidos, entende? Então, bom, e de São Paulo, voamos a Novo Hamburgo. E lá foram nos buscar, Lídia, uma amiga. E ficamos em sua casa por quatro meses, ela nos ajudou de uma forma excelente, excelente. Ela nos dava Café, lanche, almoço, lanche, café, jantar e durante esse tempo que estive com ela me lembrei muito dos meus pais. Então eu disse, bem. Não foi em vão o que meus pais fizeram com os laços, o povo.

**Isso que você relata foi em Novo Hamburgo?**

Sim

**E como conheceu Chapecó? Como decidiu vir a Chapecó?**

O que acontece é que com ela, só conseguimos o CPF. Minha amiga dizia: Não importa, estamos indo para o Chile. Então eu lhe disse, não quero ir ao Chile, este problema com..com..ainda não era presidente, mas já falavam sobre o que estava por vir. Então, eu disse que não, mas que eu a acompanharia até onde eles pudessem buscá-la, mas do Brasil eu não iria sair. Então, ela deu tanto, tanto e tanto, e tanto que ele veio e convenceu a filha. E a filha mandou chamá-la. Ela ia me dar algo. Porque foi por isso que eu vi tudo isso, senhores, tão

pequeno e tão estranho. Olhe onde estamos? Temos que passar! Não, não, não, não, não sei onde lhe disse que iria. Lamento, sinto muito.. mas do Brasil eu não saio. Mas já estamos aqui! Posso estar onde posso estar, mas do Brasil eu não saio. Aqui é um país avançado, não importa se temos só o CPF, não importa! Então, quando voltamos nos trouxeram para Chapecó. Mas onde moramos, o primeiro lugar que moramos quando viemos a Chapecó, a senhora era muito pobre e esta situação me dava um pouco de medo. Mas era uma senhora muito boa, muito, muito, muito boa. Então, bem, depois conseguimos com um senhor onde fui visitar, e aí estamos.

**Você falou que te trouxeram para Chapecó, quem que te trouxe? Como foi esse processo?**

Foi um.. Foi um senhor que nos levou até a fronteira, que nos fez o favor de nos levar até a fronteira com o Peru. Então como eu me neguei, ele me disse: Não vou deixar você sozinho, pode ficar na casa da minha sogra, fiquem lá por um curto período de tempo, ela é muito pobre, disse ele. Mas enquanto puderem ficar lá, fiquem lá. E foi assim que aconteceu, ficamos lá por uns 15 dias, no máximo 14. Ficamos lá e depois mudamos para onde estamos, mas o meu pensamento tem sido: sair e viver sozinho. Gosto mais do centro da cidade. E ir avançando, crescer e sair e trabalhar no que sei.

**E a sua amiga? Chegou a ir ao Chile ou veio à Chapecó com você?**

Eu estou falando por mim.

**Sim.**

Porque posso andar contigo, caminhar pela vida contigo, mas a sua decisão é sua e eu tenho de a respeitar, devo pensar por mim mesmo e com sabedoria. Aconselhei-a a ir em frente. Na verdade, ela vai ter uma cirurgia, de uma hérnia inguinal. E aqui saiu muito rápido esse processo para ela, para fazer a cirurgia, saiu muito rápido. E te digo, saiu muito rápido isso aqui, que nem mesmo na Venezuela se tivesse tentando tratar isso, não teria sido capaz, porque o custo disso é inalcançável.. inalcançável.

**E sua amiga vive no Chile, então?**

Não. Ela voltou comigo. Eu disse que é preferível. Eu disse, Susanita Susana, Susanita é a filha de. O que disse?

**Nada, pode continuar.**

Susanita é a filha da minha amiga. Eu disse a ela: Susanita não vai ficar muito tempo no Chile. Susanita.. Quando ela vê aquela situação em Chile tornando-se precária. Se vai, vai deixar o Chile.

**O que trouxe consigo para o Brasil? Ao arrumar as malas, o que era importante que de**

**forma alguma não poderia faltar? Coisas materiais, imateriais**

Coisas materiais? As minhas roupas. Repare que todas estas estas coisas que carregava, é porque eu as tenho porque pessoas que me ajudaram, com comida. Pessoas cristãs que me ajudaram com roupas de frio, cobertores.

**Alguma foto, algum colar, algo que te marque, que te lembre sua família?**

Uma foto da minha mãe e do meu pai.

**Você trouxe contigo?**

Sim

**E o que estas fotos representam para ti? Quais suas lembranças quando fala de seus pais?**

Imagino.. Como te dizer isto.. depois de Deus, eles. Depois de Deus, eles. Como vocês, quando vão ter os seus bebês, dizem depois de Deus, meus filhos? Depois de Deus, eles.

**E como é sua relação com outros venezuelanos em Chapecó? Tem contatos?**

...

**Não**

**tem?**

.. Porque infelizmente eles têm um... não quero que isto seja tomado como preconceito. Eu prefiro andar sozinho, prefiro andar só, tenho conseguido seguir em frente, sozinho tenho meu trabalho, sozinho entrego meus currículos, entreguei cerca de 11 currículos. E andando por aqui, quem também me ajudou foi a prefeitura. A prefeitura me encaminhou para o que eu podia, ao que eu podia conseguir, segundo.. segundo meu conhecimento. A garota me disse, além dos endereços que estou lhe dando. No meio, disse ela, no centro há várias lojas de noivas. E bom, eu encaminhei meu currículo e depois falei com uma garota em uma loja: “Sim, pode me enviar aqui é para auxiliar em uma loja de roupas de noivas”. Então, quando eu cheguei, entreguei o currículo e depois sai e quando estava na metade do caminho recebi uma ligação de uma senhora falando tudo em português

- Ruffo, bla bla bla

- É da loja de roupas de noivas?

- Sim, sim

- Diga-me

- Necessito falar com você, preciso falar com você E eu disse:

- Agora mesmo?

- Amanhã.

No dia seguinte, então, no dia seguinte (audio ruim, não consegui compreender) Mas me deixaram em experiência, então eu fiquei lá aprendendo tudo.

**Então você não tem contato com venezuelanos?**

Contato com venezuelanos.. Assim, os que convivem conosco são venezuelanos, o que acontece é que eles são de outra forma de viver, outra forma de falar, com outro tipo de comportamento e então se tem outro tipo de comportamento, fico distante.

**E o contato com os brasileiros? Como se sente no Brasil?**

Excelente, a mim me encanta. Há venezuelanos, por exemplo. Conheci uma senhora venezuelana.. Diferente.

**Diferente como?**

Conversando... Mas, existem atitudes de outros venezuelanos que não me agradam.

**O que você não gosta nessas atitudes dos Venezuelanos?**

É a atitude.. não sei se eles aprendem a ser assim através de tudo que passa nos trajetos. Mas se aproveitam, falam mal dos outros, esses tipos de coisas.

**E sobre suas lembranças da Venezuela? O que é mais nostálgico, por exemplo?**

Nostalgias não, nostalgia é como tristeza. Não, tristeza não.

**E suas lembranças em..**

Me lembro primeiro dos meus pais, que me lembro com bastante felicidade porque, comigo foram super compreensíveis, super .. como posso dizer.. eram.. pacientes. Eles me disseram (audio ruim, não consegui compreender)

**A comida da Venezuela.**

A comida. Mas a comida daqui é rica. Aqui, por exemplo, o frango é muito mais saboroso, o frango é muito mais saboroso, as tortas daqui, os bolos com brigadeiros.

**Você fala com muito carinho dos seus pais. E como foi sua vida depois que eles partiram, como você lidou com isso?**

Às vezes eu ainda sonho com meu pai, ontem à noite sonhei com minha mãe. Isso não vai passar, eu me lembro, não vai passar. As memórias são latentes, é como se ela se comportasse ou você se comportasse super bem comigo, até a morte eu só vou lembrar.

**Dos seus irmãos você também sente falta?**

Sim, claro, claro. Apesar de que quando nasci eles já eram muito maiores, porque se lembra que eu nasci depois de 7 anos?

**Qual o nome deles?**

Dos meus irmãos?

**Sim, da sua família, dos seus pais e dos seus irmãos?**

Aramis, Adan.. Adan.. Adan.. tem a Alzira, tem a Ericsson e José Tomás e meus pais Adán de Jesus e (não compreendi o nome da mãe)

**Quais as lembranças quando pensa na sua família?**

De momento com todos, de todos eles, porque eram pessoas muito nobres, pessoas nobres, lembre-se que éramos pessoas da aldeia. Essas pessoas são como pessoas mais nobres, certo?

**Existe algum momento especial? Por exemplo, algum aniversário, alguma formatura, algum momento que te marca?**

O que sempre é lembrado e relembrado, as famílias venezuelanas são os tempos de Natal e Ano Novo.

**Pode me falar um pouco sobre esses tempos?**

O Natal é o nascimento de Jesus, que na verdade não é comemorado no dia, pois o nascimento de Jesus é no dia 25, mas se celebra no dia 24. São como festas familiares, festas familiares, onde há comida, comida, comida. E Ano Novo é dar as boas-vindas ao Ano Novo.

**E de que modo vê a Venezuela hoje, vivendo no Brasil?**

Como vemos a Venezuela?

**Como você vê, por exemplo, hoje vivendo no Brasil?**

Me dá tristeza vê a Venezuela assim como está, porque estava em vias e uma potência. É por isso que eu lhes digo que as pessoas precisam ter educação, não educação de professores, mas uma excelente educação em casa, onde os pais ensinem valores para que.. valores baseados em Deus, para que isso não o leve a endeusar pessoas.

Porque este ..

Uma das coisas que vi fora da Venezuela, que me dizem que quase toda a América Latina pratica isso. Mas há um estado especificamente onde o satanismo é praticado, coisa horrível. É assim que eu vejo as coisas, patético esse momento.

É claro que em todas as minhas orações diárias eu sempre peço a Deus que modifique nossos corações, nossas línguas, nossas atitudes, nosso sentido, para que possamos alcançar a perfeição. Podemos vir a amar a Deus sobre todas as coisas, você me entende?

**O que você faz para manter seus costumes? Por exemplo, a arte que comentou que é artista e outras questões culturais, como você faz para se manter?**

Eu sou uma pessoa muito aberta, você se lembra que eu frequentei a escola de artes, certo? Quando ingressei nas escolas de artes plásticas fazia figuras humanas, fui amadurecendo, amadurecendo e todas estas mudanças e todas estas coisas acontecem por algo positivo. As mudanças são boas, as mudanças são boas.

**Considera o Brasil como um novo lugar para começar sua vida?**

Todos os dias. Beijo o solo do Brasil e peço a Deus que abençoe a todos vocês, porque é aqui que eu estou e é aqui que fui acolhido.

**A intenção de retornar à Venezuela?**

Não.

**Então, quer permanecer no Brasil? Por mais que a Venezuela volte a ser como antes?**

Não vai voltar, porque é a mentalidade. Não está me entendendo, é a mentalidade. Uma cidade é uma cidade porque? Seu povo. Se esse povo não sabedoria o suficiente, essa cidade se torna um caos.

**Tem mais algo que gostaria de falar?**

Não. O que quero é seguir trabalhando, quero ter uma fábrica de roupas e espero que tenha tempo. Tenho que ter uma equipe de trabalho onde eu possa ter uma boa fábrica, um bom projeto de trabalho. Para que pelo menos quando eu não estiver mais neste plano, fique para, me entende? outra pessoa. Ensinar outras pessoas também.